

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

SIMONE MARIA DE SOUSA SILVA

“TRINTEI!!! NÃO CASEI. E DAÍ???”

UMA ANÁLISE DOS FATORES QUE INFLUENCIAM MULHERES A PRIORIZAR A
CARREIRA PROFISSIONAL POSTERGANDO A IDEIA DE CASAMENTO E
MATERNIDADE

São Leopoldo

2017

SIMONE MARIA DE SOUSA SILVA

“TRINTEI!!!! NÃO CASEI. E DAÍ???”

UMA ANÁLISE DOS FATORES QUE INFLUENCIAM MULHERES A PRIORIZAR A
CARREIRA PROFISSIONAL POSTERGANDO A IDEIA DE CASAMENTO E
MATERNIDADE

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Gênero, Feminismos
e Diversidade

Orientador: André Sidnei Musskopf

São Leopoldo

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586t Silva, Simone Maria de Sousa
"Trinteiii! Não casei. E daí???" Uma análise dos fatores que influenciam mulheres a priorizar a carreira profissional postergando a ideia de casamento e maternidade / Simone Maria de Sousa Silva ; orientador André Sidnei Musskopf. – São Leopoldo : EST/PPG, 2018.

92 p. ; 31 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2018.

1. Mulheres solteiras. 2. Casamento. 3. Maternidade. I. Musskopf, André S. (André Sidnei), 1976-. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

SIMONE MARIA DE SOUSA SILVA

“TRINTEI!!!! NÃO CASEI. E DAÍ???”

UMA ANÁLISE DOS FATORES QUE INFLUENCIAM MULHERES A PRIORIZAR A
CARREIRA PROFISSIONAL POSTERGANDO A IDEIA DE CASAMENTO E
MATERNIDADE

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Gênero,
Feminismos e Diversidade

Data:

André Sidnei Musskopf – Doutor em Teologia – EST

Karin Hellen Kepler Wondracek – Doutora em Teologia - EST

Dedico este trabalho à minha mãe Vera Lúcia de Sousa Silva e a minha irmã Denise Maria Silva Melo (*in memoriam*), duas mulheres que fizeram diferença em minha vida e que me influenciaram a não me submeter aos papéis destinados a mim, por ser mulher. Dedico, também, a todas as mulheres, especialmente àquelas que lutaram, lutam e lutarão pela conquista dos direitos e a verdadeira liberdade que nós mulheres merecemos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às feministas que conheci na Faculdades EST, que durante esses anos de convivência cheios de aprendizados e muito apoio e compreensão, apresentaram-me um mundo em que “eu posso”.

Agradeço às minhas amigas Rosângela, Cíntia, Alice Vitória, Andrea, Pâmela e todas aqui não citadas, mas que me orientaram, ouviram e, acima de tudo, me apoiaram nos momentos mais importantes da vida, especialmente durante a construção desse trabalho.

Agradeço às mulheres que participaram como voluntárias desse trabalho, sempre muito dispostas a contribuir com a pesquisa.

Agradeço ao Dr. André Musskopf, meu orientador, o qual me acompanhou ao longo desses anos de formação, sempre muito inspirador, compreensível, atencioso e admirável.

Agradeço à minha família, especialmente a minha mãe Vera Lúcia, que foi minha grande e fiel incentivadora, ao meu pai Guilhermino Vicente, por me darem os privilégios e oportunidades que me fizeram estar aqui hoje, e claro, pelo amor incondicional que sempre demonstraram. À minhas irmãs Dalila e Denise (*in memoriam*), meus irmãos Guilhermino e Lucas e à minha sobrinha Rayca Aglaê.

“Casar? Protestou a Rita. Nessa não cai a filha de meu pai! Casar! Livra! Para quê? Para arranjar cativoiro?”

Alúcio Azevedo. O Cortiço.

RESUMO

No mundo contemporâneo, a sociedade segue estabelecendo padrões de condutas que as mulheres devem seguir. Entre eles está uma forte expectativa social que pressiona as mulheres ao casamento e à maternidade. Esse trabalho tem como objetivo analisar que fatores influenciam mulheres acima dos trinta anos a priorizarem a carreira profissional, a autonomia e estabilidade financeira postergando a ideia de casamento e maternidade. Esse fenômeno tem levado a uma compreensão do estilo de vida de algumas mulheres solteiras no século XXI, as quais rompem com padrões pré-estabelecidos socialmente que se mantiveram por um longo período da história. Para o desenvolvimento da pesquisa, além de materiais bibliográficos e literatura especializada, realizou-se coleta de dados através de entrevistas e observação participante. A pesquisa de abordagem qualitativa foi desenvolvida com seis mulheres que têm em comum o seguinte perfil: ser solteira, ter idade acima de 30 anos, residir na cidade de Parnaíba/PI, não ter filhos ou filhas, e estar inserida no mercado de trabalho. Este trabalho está fundamentado na epistemologia feminista e adotou-se “gênero” como uma categoria de análise, de cunho político e relacional que envolve relações de poder, articulada com outras dimensões da vida social como as de classe, raça/etnia, idade e geração. O capítulo I traça uma linha histórica sobre as incongruências na cultura tradicional, o destino social das mulheres e o lugar das mulheres solteiras, trazendo primeiramente reflexões sobre o movimento feminista e suas contribuições para conquistas de novos modos de ser mulher na sociedade atual. Em seguida é realizada uma discussão em torno da construção de normas sociais para a restrição das mulheres aos papéis de esposa, mãe e dona de casa. O capítulo traz, também, a apresentação dos caminhos e descaminhos trilhados na pesquisa, como também, dados sobre o perfil sócio econômico e cultural das participantes da pesquisa. O capítulo II apresenta a análise e divulgação dos dados obtidos, apresentando as trajetórias, concepções e narrativas em torno das percepções sobre casamento, enfocando mudanças e permanências em torno do mesmo, assim como a influência da religiosidade nessas percepções. As mulheres em estudo de forma geral são consideradas mulheres que conseguiram romper com um estigma social predestinado às mulheres na sociedade.

Palavras-chave: Mulheres solteiras. Solterice. Casamento. Maternidade.

ABSTRACT

In the contemporary world, society continues to establish patterns of conduct which women should follow. Among these is the strong social expectation which pressures women to marriage and maternity. The goal of this work is to analyze which factors influence women over thirty to give priority to a professional career, autonomy and financial stability postponing the idea of marriage and maternity. This phenomenon has led to a comprehension of the life style of some single women in the 21st century, who broke with socially pre-established patterns which were maintained throughout a long period of history. For the development of the research, besides bibliographic materials and specialized literature, a survey of data was carried out through interviews and participant observation. A research of a qualitative approach was carried out with six women who have the following profile in common: being single, being over 30 years old, residing in the city of Parnaíba/PI, not having children and being inserted in the work market. This paper is substantiated on the feminist epistemology and “gender” was adopted as a category of analysis of a political and relational character which involves power relations, articulated with other dimensions of social life such as class, race/ethnicity, age and generation. The first chapter traces a historical line about the incongruences in the traditional culture, the social destiny of the women and the place of the single women, bringing firstly reflections on the feminist movement and its contributions to the achievements of new ways of being a woman in current society. Following, a discussion is carried out about the construction of social norms to restrict the women to the roles of wife, mother and house keeper. The chapter also brings the presentation of the paths and dead-ends encountered in the research as well as data about the socio-economic and cultural profile of the research participants. Chapter two presents the analysis and the divulgement of the data obtained, presenting the trajectories, conceptions and narratives about the perceptions about marriage, focusing on changes and what remains the same regarding the latter, as well as the influence of religiosity in these perceptions. The women in the study, in general, are considered women who managed to break with the social stigma predestined to the women in society.

Keywords: Single women. Singlehood. Marriage. Maternity.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 17 |
| 1 INCONGRUÊNCIAS NA CULTURA TRADICIONAL: DESTINO SOCIAL DAS MULHERES E O LUGAR DAS MULHERES SOLTEIRAS..... | 21 |
| 1.1 O movimento feminista e as conquistas de novos modos de ser mulher | 21 |
| 1.2 A construção de normas sociais para a restrição das mulheres aos papéis de esposa, mãe e dona de casa | 30 |
| 1.3 Descobrimo as novas solteiras e suportes metodológicos | 35 |
| 1.3.1 Sobre caminhos trilhados ao longo da pesquisa | 36 |
| 1.3.2 Descobrimo perfis das novas solteiras: Informações socioeconômicas e culturais..... | 40 |
| 2.TRAJETÓRIAS, CONTEXTOS, CONCEPÇÕES E NARRATIVAS | 47 |
| 2.1 Percepções sobre casamento: avanços e permanências | 47 |
| 2.1.1 Compreensões sobre casamento..... | 49 |
| 2.1.2 Mudança nas compreensões sobre casamento | 52 |
| 2.1.3 Casamento: opção para vida?..... | 56 |
| 2.2 Impressões e expectativas sobre maternidade | 59 |
| 2.2.1 Compreensões sobre maternidade | 60 |
| 2.2.2 A importância da maternidade para si..... | 64 |
| 2.3 Influências da religiosidade nas concepções sobre casamento e maternidade .. | 66 |
| 2.4 Ser mãe e esposa é fundamental para realização pessoal das mulheres?..... | 70 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 85 |
| REFERÊNCIAS..... | 87 |

INTRODUÇÃO

Nos últimos séculos o lugar das mulheres na sociedade vem passando por transformações. Algumas destas mudanças estão sendo possíveis após a inserção das mulheres na educação, de sua entrada no mercado de trabalho, da ampliação das possibilidades de escolhas, sejam elas amorosas, profissionais ou em relação à maternidade. Todas essas modificações só foram possíveis após conquistas de direitos através do movimento feminista, sejam eles sociais, econômicos, políticos.

Estas conquistas se apoiam na luta pelo reconhecimento de que as mulheres são oprimidas especificamente e sistematicamente e que essa opressão não está inscrita na natureza, colocando a possibilidade política de sua transformação. Contudo, as estruturas estabelecidas socialmente em torno dos papéis de ser mulher e ser homem, e as relações estabelecidas entre os mesmos, vão sofrendo fissuras e, conseqüentemente, o rompimento desses padrões. Mas, ainda, a imposição social do casamento e a concepção com filhas e filhos recai sobre as mulheres como se estas fossem normas a serem cumpridas para se ter um lugar social valorizado, como também, para a realização completa do ser mulher.

Este estudo tem como objetivo analisar os fatores que influenciam mulheres acima dos trinta anos a priorizarem a carreira profissional, a autonomia e estabilidade financeira postergando o casamento e a maternidade. Para tal, buscou-se conhecer o estilo de vida de mulheres acima dos trinta anos que priorizam a carreira profissional, autonomia e estabilidade financeira; compreender que ideias de sociabilidade são associadas às mulheres que não priorizam o casamento e a maternidade e buscam prioritariamente a carreira profissional; identificar aspectos históricos, culturais e religiosos que influenciam na perpetuação do discurso que “mulher é para casar e ter filhos”; e investigar de que forma noções centrais do feminismo influenciaram na mudança do perfil de mulheres que não possuem o casamento e a maternidade como prioridades.

O interesse pelo tema surgiu através de vivências e percepções sentidas pela pesquisadora após ingressar no Mestrado Profissional em Teologia na Linha de Pesquisa “Gênero, Feminismos e Diversidade” da Faculdade EST. Momento esse que foi de crucial importância para a clareza na compreensão de

várias questões que permeavam as inquietudes postas por um sistema patriarcal, machista e sexista que estabelece como destino matrimônio e a maternidade. Por exemplo: Por que o auge da realização feminina estaria interligado ao fato de ser casada e ser mãe? Por que existe um estigma e cobrança social para mulheres com trinta anos ou mais a cumprirem tais determinações sociais? Qual o preço que as mulheres pagam por ser independentes? Por escolherem estar solteira e não ser mãe antes dos trinta anos? A partir dessas perguntas a própria pesquisadora se descobriu pertencente a esse universo de mulheres que, ao longo de suas vidas, postergaram a maternidade e o casamento para estudar e ter uma profissão. Contudo, o interesse pela temática surgiu com o objetivo de compreender que modelos de mulher foram estabelecidos ao longo de suas vidas, bem como as influências recebidas que permitiram provocar uma rachadura no modelo e destino socialmente construído para as mulheres.

Para o processo de pesquisa desse trabalho foi utilizada a revisão bibliográfica de produções consagradas no âmbito acadêmico, que serviram de base teórica para as análises do estudo proposto. Contudo, foi utilizada a epistemologia feminista que realiza uma crítica a teorias androcêntricas e se compromete com um olhar situado sob o “ponto de vista” de quem constrói o conhecimento. Dentro dessa perspectiva também foi adotado o gênero como uma categoria de análise, de cunho político e relacional que envolve relações de poder, articulada com outras dimensões da vida social como as de classe, raça/etnia, idade/geração.

Além disso, para o estudo, utilizou-se da metodologia qualitativa tendo a entrevista como instrumento de coleta de dados, possuindo como subsídio quatorze questões nas quais são abordadas informações sócio econômicas e culturais, tradição religiosa, opinião sobre casamento, maternidade e realização profissional. As entrevistas foram realizadas com seis mulheres acima de trinta anos, solteiras, que não têm filhas e filhos e que estão inseridas no mercado de trabalho.

Este trabalho está estruturado em dois capítulos, assim distribuídos: O capítulo I caracteriza-se por traçar uma linha histórica sobre as incongruências na cultura tradicional, o destino social das mulheres e o lugar das mulheres solteiras, trazendo primeiramente reflexões sobre o movimento feminista e suas contribuições para conquistas de novos modos de ser mulher na sociedade atual,

e o importante papel da educação como instrumento de rompimentos e fator determinante para a conquista de direitos das mulheres na sociedade. Em seguida, é apresentada uma discussão em torno da construção de normas sociais para a restrição das mulheres aos papéis de esposa, mãe e dona de casa. Logo após, são apresentados os caminhos e descaminhos trilhados ao longo da pesquisa, bem como a apresentação da proposta metodológica inicial e a que, de fato, foi seguida. Em seguida, são apresentados dados sobre o perfil sócio econômico e cultural das participantes da pesquisa, na intenção de descobrir quem são essas mulheres solteiras.

No capítulo II tem-se a apresentação e análise dos dados obtidos, apresentando os resultados e discussões decorrentes das falas colhidas em entrevista respondida pelas mulheres. Apresenta-se as trajetórias, concepções e narrativas em torno das percepções sobre casamento, enfocando mudanças e permanências em torno do mesmo. Discute-se as expectativas relacionadas a maternidade, bem como o mito existente em torno do ser mãe. Esse capítulo busca analisar, também, as influências que a religiosidade exerce em torno das percepções de casamento e maternidade e finaliza refletindo sobre a relação existente entre ser mulher, mãe, esposa e ter uma carreira profissional.

1. INCONGRUÊNCIAS NA CULTURA TRADICIONAL: DESTINO SOCIAL DAS MULHERES E O LUGAR DAS MULHERES SOLTEIRAS

A emergência de um movimento feminista organizado e as reflexões teóricas que brotaram dele provocaram discussões e transformações na compreensão do papel das mulheres na família, na maternidade, na relação entre o público e privado, além da discussão e incorporação do conceito de gênero enquanto categoria de análise. Esse capítulo pretende trazer uma reflexão sobre a importante contribuição do movimento feminista para as novas conquistas e modos de ser mulher na sociedade atual, questionando a idealização da imagem da esposa virtuosa, boa mãe e filha dedicada como modelo a ser seguido por todas as mulheres. Tem a intenção de ecoar sobre a educação das mulheres, que é e foi um instrumento de rompimentos, determinante para a conquista de direitos das mulheres na sociedade. Ademais, procura rememorar na história os preconceitos e discriminação que as solteiras sofriam, procurando trazer à tona os estigmas sociais que pesam sobre as mulheres solteiras, fazendo uma reflexão de como se pode pensar em outras possibilidades para além das normas e perguntando quais lugares ocupam essas mulheres que não casaram e nem projetam filhos e filhas.

1.1 O movimento feminista e as conquistas de novos modos de ser mulher

A legitimação das mulheres como sujeitos sociais foi conseguida, sobretudo, pelo compromisso das mesmas com uma luta organizada em busca de seus direitos e definição de seu espaço na sociedade. Essas organizações enriqueceram as práticas associativas de mulheres e permitiram-lhes tratar dos problemas e das demandas derivadas da condição de gênero. Apesar dos avanços consideráveis que o movimento feminista trouxe para a vida das mulheres, muitas ainda não são donas de suas próprias vontades, protagonistas principais de suas próprias vidas, mas, sim, peças desconexas de um imenso quebra-cabeças. Peças essas que só irão se encaixar se seguirem corretamente

as normas, condutas, valores e padrões estabelecidos em uma sociedade que privilegia a figura do homem.

O movimento feminista, sem dúvida, ajudou a alterar as perspectivas de dominação em diversas áreas, por meio das campanhas pelos direitos civis, como direito à propriedade, voto, direitos reprodutivos, trabalhistas. Além disso, questionou o confinamento das mulheres ao lar, na tentativa constante em romper com o estigma de que a preocupação prioritária das mulheres deveria ser a doméstica, “encarnando a imagem de esposa e mãe”.¹

Nesse contexto Saffioti diz que:

A sociedade investe muito na *naturalização* deste processo. Isto é, tenta fazer crer que a atribuição do espaço doméstico à mulher decorre de sua capacidade de ser mãe. De acordo com este pensamento, é natural que a mulher se dedique aos afazeres domésticos, aí compreendida a socialização dos filhos, como é *natural* sua capacidade de conceber e dar à luz.²

O feminismo tem se organizado, principalmente, em torno da luta contra o patriarcado³, pelo direito ao voto, por melhores salários e melhores condições de trabalho. Essas questões foram importantes para o movimento feminista desde o século XIX e fim do século XX no Reino Unido, nos Estados Unidos e na França. As reivindicações e lutas consistiam na promoção da igualdade nos direitos contratuais e de propriedade. Também defendia o fim dos casamentos arranjados e do pátrio poder. No entanto, no fim do século XIX, o ativismo passou a objetivar, principalmente, a conquista de poder político, especialmente do direito ao sufrágio por parte das mulheres.⁴

Dentre as principais discussões que foram realizadas pelo movimento feminista, em suas diferentes correntes, houve buscas por explicações distintas sobre a origem do sexismo e sugestões de superação da opressão e luta contra o patriarcado. As correntes liberal e radical tinham como foco a “mulher” (burguesa) e se ativeram às conquistas de direitos de participação das mulheres na

¹ EGGERT, Edla. doÉSTICO: espaços e tempos para as mulheres reconhecerem seus corpos e textos. STROHER, Marga J. DEIFELT, Wanda. MUSSKOPF, André S. (Orgs.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 225-241.

² SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987. p. 9.

³ Segundo Saffioti: “Sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem, mas não se constitui o único princípio estruturador da sociedade brasileira” (SAFFIOTI, 1987, p. 16).

⁴ ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros passos; 20).

sociedade e igualdade social, influenciando as políticas de ações afirmativas. A corrente radical questionava o sistema patriarcal e suas manifestações nas relações sociais. Influenciou movimentos de contestação social e estava voltada para a conscientização das mulheres com o objetivo de romper com a história de submissão. A vertente do feminismo marxista ou socialista trouxe um debate sobre as questões de classe e opressão da mulher, contribuindo para a identificação de diferentes realidades para diferentes mulheres⁵.

No final da década de 1940, Simone de Beauvoir, através da obra “O segundo sexo”, abordou questões ligadas à independência das mulheres e seu papel na sociedade. Segundo Teresa Joaquim, essa obra questionou o casamento como instituição, a maternidade como destino obrigatório, atacando a opressão das mulheres, mostrando as imagens que se construíram em torno delas ao longo dos séculos como o símbolo de beleza, de pureza, de perfeição, do bem, da virtude, do amor maternal, da “natureza” acolhedora e benévola. Todas essas questões, segundo ela, não passam de construções sociais.⁶ Segundo Lucila Scavone:

Questionando a função da maternidade no contexto do pós guerra, em que as forças conservadoras defendiam a família, a moral e os bons costumes, as teses deste livro sobre liberdade sexual, liberação da prática da contracepção e do aborto, podem ser consideradas um marco da passagem do feminismo igualitarista para a fase do feminismo ‘centrado na mulher sujeito’. [...] A maternidade começava, então, a ser compreendida como uma construção social, que designava o lugar das mulheres na família e na sociedade, isto é, a causa principal da dominação do sexo masculino sobre o sexo feminino.⁷

A crítica feminista considerava a experiência da maternidade como um elemento chave para explicar a dominação de um sexo sobre outro. O lugar das mulheres na reprodução biológica (gestação, parto, amamentação e consequentes cuidados com as crianças) determinava a ausência das mulheres no espaço público, confinando-as ao espaço privado e à dominação masculina. Nesse contexto, Priore diz que:

⁵ HOFMANN, Heidi. *A Bioética na discussão feminista internacional*. Tradução Monika Ottermann. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2008.

⁶ JOAQUIM, Teresa. Criação de Humanos e/ou de conceitos: a questão da maternidade n’O Segundo Sexo. *Cadernos Pagu*, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero, n. 12, 1999.

⁷ SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. *Cadernos Pagu*, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero, n. 16, 2001.

A comunhão entre o desejo institucional de domesticar a mulher no papel da mãe e o uso que as populações femininas fizeram desse projeto foram tão bem-sucedidos, que o estereótipo da santa-mãezinha provedora, piedosa, dedicada e assexuada se construiu no imaginário brasileiro no período colonial e não mais o abandonou.⁸

A partir da década de 60 o movimento feminista se consolidou como um discurso de caráter intelectual, filosófico e político que buscou romper os padrões tradicionais. O movimento ganhou força, sendo endossado por mulheres que intensificaram suas lutas no combate à opressão e desigualdades, a favor de sua emancipação econômica e social, e pelo direito ao trabalho, encorajando as mulheres a serem politizadas e combaterem as estruturas sexistas de poder. Desta forma, avançaram em termos de uma igualdade política e social em relação aos homens⁹.

As discussões sobre as conquistas e as lutas das mulheres, sobretudo na segunda metade do século XX, estão associadas à construção do conceito de gênero. A articulação desse conceito significou pensar a questão da mulher para além da divisão dos papéis entre os sexos. Antes, é preciso perceber as relações em que se estabelecem e que as determinam. Dessa forma, o conceito de gênero foi elaborado e conceituado como a construção social das identidades sexuais e como objeto dos estudos feministas. O conceito de gênero promoveu avanços nos estudos feministas ao questionar tendências universais em relação ao masculino e feminino com as especificidades históricas e culturais.

Em seu clássico artigo Scott afirmou que a categoria de gênero é útil para a história. Não especificamente para a história das mulheres, mas também para os homens, nas relações entre homens e mulheres. Para ela, a principal contribuição do conceito de gênero foi fazer frente ao determinismo biológico, do que é próprio do homem e da mulher, e pensar que não devem ser vistos e entendidos separadamente. Segundo a autora, “Gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder.”¹⁰

⁸ PRIORE, Mary Del. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. São Paulo: UNESP, 2009, p. 16.

⁹ ALVES; PITANGUY, 1995.

¹⁰ SCOTT, Joan. *Gênero: Uma categoria útil para análise histórica*. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Texto original: Joan Scott - *Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press. 1989. p. 21.

Gênero, como elemento constitutivo das relações sociais entre homens e mulheres, é uma construção social e histórica que define a masculinidade e a feminilidade e os padrões de comportamento aceitáveis ou não, tanto para homens quanto para mulheres¹¹. Gênero serve, dessa forma, para determinar tudo que é social, cultural e historicamente definido. É mutável, pois está em constante processo de resignificação devido às interações concretas entre indivíduos identificados com o sexo feminino e o masculino.¹²

É inegável o impacto do feminismo em diversas áreas da vida social. O efeito é perceptível não apenas nas vidas das mulheres, em diversas partes do mundo, mas também na produção do conhecimento, incluindo as ciências sociais. Este impacto, difícil de ser dimensionado, está relacionado à disseminação desse ideário com características específicas em diversos contextos.

É importante destacar que, com o feminismo, casamento, reprodução e maternidade abriram-se para a esfera pública e a família a uma análise política, desafiando concepções tradicionais. Desde o início, as feministas pensaram a família como uma construção ideológica e o papel de esposa e mãe como socialmente construídos.

Historicamente, as mulheres foram vistas de maneira estereotipada como figuras passivas e indefesas. Essa visão está associada, direta ou indiretamente, à vontade de direcionar as mulheres à esfera da submissão, do conformismo e do silêncio. E não é tarefa simples transformar esses valores há séculos enraizados no imaginário cultural de uma sociedade. Foi preciso a reação das mulheres para que através dos movimentos feministas se impusessem a favor do seu crescimento e inserção no espaço público, na educação e no mercado de trabalho.¹³

Simone de Beauvoir considerava os termos autonomia e independência praticamente como sinônimos. A autora vinculava a ideia de independência à existência de uma profissão e uma renda, afirmando que todas as conquistas das mulheres – o voto e outras liberdades cívicas – permanecem abstratas se não são acompanhadas de uma autonomia econômica. Afirma a

¹¹ SCOTT, Joan W. Preface a gender and politics of history. *Cadernos Pagu*, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero, n. 03, 1994.

¹² MACHADO, Lia Zanotta. Gênero: um novo paradigma? *Cadernos Pagu*, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero, n. 11, 1998.

¹³ ALVES; PITANGUY, 1995.

autora: “foi pelo trabalho que a mulher cobriu, em grande parte, a distância que a separava do homem, só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta”¹⁴. Ela também reafirma a importância do trabalho como condição que torna a mulher sujeito:

Produtora, ativa, ela reconquista sua transcendência; em seus projetos afirma-se concretamente como sujeito; pela sua relação com o fim que visa, com o dinheiro e os direitos de que se apropria, põe à prova sua responsabilidade. Muitas mulheres têm consciência de tais vantagens, mesmo entre as que exercem os mais modestos ofícios.¹⁵

Apesar das conquistas que o feminismo garantiu às mulheres, estas ainda encontram muitas dificuldades de se realizar enquanto sujeito autônomo. Isso porque os costumes se apresentam como um empecilho para seu crescimento pessoal e profissional, na medida em que suas tarefas “naturais” se somam às atividades escolares e/ ou ao trabalho externo. Ou seja, a condição para as mulheres saírem do ambiente caseiro ainda está vinculada à sua condição de ser mãe, esposa, dona de casa e dispor de tempo para desempenhar as atribuições da esfera pública. As restrições colocadas às mulheres servem de suporte para reforçar o sistema patriarcal e mantê-las na esfera privada da sociedade.

Sair das amarras de um sistema patriarcal, machista e sexista, que restringe as mulheres aos papéis da maternidade e do casamento, que são elementos constitutivos e definidores do ser mulher, ainda é um desafio constante, tendo em vista que mulheres que optam ou postergam esse “destino”, as mulheres solteiras, são consideradas mulheres sem projeção e prestígio social, já que para ser uma mulher verdadeiramente elas devem seguir o seu destino social. Como foi, ou está sendo possível romper com tais estigmas?

Em um contexto de invisibilidade na história, durante o século XVIII, mulheres denunciaram a falsa ideia de que determinados papéis eram “naturalmente” destinados ao “belo sexo”. Dentre elas, destaca-se Mary Wollstonecraft que “viu na educação uma forma de as mulheres conquistarem um

¹⁴ BEAUVOIR, de Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*; Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. p. 503. (vol. 2).

¹⁵ BEAUVOIR, 2016, p. 503.

melhor status econômico”¹⁶. Eggert diz que, em uma de suas teses, Wollstonecraft afirma que:

O casamento era uma espécie de “prostituição legal”, em que as mulheres eram escravas convenientes e que a única maneira de ser livres era se manter longe do altar. Ao se opor ao matrimônio, ela propôs às mulheres que se livrassem de seus velhos estereótipos emocionais para conquistar um lugar na sociedade.¹⁷

Contudo, é importante destacar uma personalidade brasileira, Nísia Floresta, que estabeleceu um novo momento para a história da educação das mulheres no país. Ela foi considerada a primeira feminista brasileira, e “lutou por uma escola em que a competência intelectual fizesse parte do cotidiano das mulheres”¹⁸. Segundo Edla Eggert, para Nísia, as mulheres deveriam conquistar o espaço do saber, do conhecimento, ter acesso à vida pública e não só à privada. Eggert afirma que “sua crítica era dirigida à sociedade, que insistia em manter uma educação ‘onde a menina aprendia tudo, menos o que pudesse torná-la digna, mais tarde, de ser colocada na ordem da mulher civilizada’”.¹⁹

Às mulheres não era permitido estudar e aprender a ler. Nas escolas, somente lhes eram ensinadas técnicas manuais e domésticas. Esta ignorância lhe era imposta como forma a mantê-la subjugada, desprovido-a de conhecimentos que lhe permitissem pensar em igualdade de direitos²⁰.

É bem verdade que a entrada das mulheres nos círculos universitários já vinha produzindo uma certa feminização do espaço acadêmico e das formas da produção dos saberes. Em outras palavras, desde os anos setenta, as mulheres entravam maciçamente nas universidades e passavam a reivindicar seu lugar na História. Juntamente com elas, emergiam seus temas e problematizações, seu universo, suas inquietações, suas lógicas diferenciadas, seus olhares desconhecidos. Progressivamente, a cultura feminina ganhou visibilidade, tanto pela simples presença das mulheres nos corredores e nas salas de aula, como pela produção acadêmica que vinha à tona. Histórias da vida privada, da maternidade, do aborto, do amor, da prostituição, da infância e da família, das bruxas e loucas, das fazendeiras, empresárias, enfermeiras ou empregadas domésticas, fogões e panelas invadiram a

¹⁶ EGGERT, 2004, p. 233.

¹⁷ EGGERT, 2004, p. 233.

¹⁸ EGGERT, 2004, p. 235.

¹⁹ EGGERT, 2004, p. 235.

²⁰ SILVA, Raquel Marques da. *Evolução Histórica da Mulher na Legislação Civil*. Acesso em 30 de abril de 2017. Disponível em: <http://ditizio.ecn.br/adv/txt/ehlc.pdf>.

sala e o campo de observação intelectual ampliou-se consideravelmente. O mundo acadêmico ganhava, assim, novos contornos e novas cores.²¹

A inserção das mulheres na educação foi um fato social determinante para a conquista da independência e emancipação na sociedade. Assim, a história da educação das mulheres no Brasil foi estabelecendo novas condições do ser mulher, diferentemente daquela trazida desde o período colonial, quando as mulheres eram educadas para servir e os homens eram educados para assumir a posição de senhor todo poderoso. Quando solteira, vivia sob a dominação do pai ou do irmão mais velho. Ao casar-se, o pai transmitia todos os seus direitos ao marido, submetendo a mulher à autoridade deste²².

A inserção das mulheres no meio acadêmico e no mercado de trabalho vem conduzindo, de forma gradual e lenta, à mudança de pensamento sobre papéis estabelecidos para homens e mulheres na sociedade. Embora, ainda hoje, seja comum o modelo “tradicional” de família no qual os homens devem trabalhar e sustentar a casa, enquanto as mulheres vivem em função do lar, dos filhos e das filhas e do casamento, já é possível visualizar pequenas e pontuais mudanças. Hoje as mulheres já possuem outras possibilidades, como estudar se/e o que quiserem, trabalhar se tiverem vontade e casar se desejarem. Mediante esses avanços, é importante destacar as permanências existentes nesse processo. Mesmo diante da existência de outras possibilidades por que a sociedade parece acreditar e cobrar que é preciso se cumprir o que a *priori* é uma condição da existência feminina: “casar” e “ser mãe”?

Nesse contexto de permanências, cabe, todavia, perguntar que mulher é esta que tem a possibilidade de escolha sobre sua vida? Todas possuem acesso à educação, ao trabalho? A decidir casar ou não, ter filhos e/ou filhas ou não? Essas situações permeiam uma questão de classe? Embora as conquistas do movimento feminista tenham trazido avanços na inserção de mulheres na educação e no trabalho, na possibilidade de escolha de casar, ter ou não filhos e/ou filhas, a desigualdade social é um elemento cada vez mais presente e se torna algo contraditório na busca por igualdade de direitos, mesmo entre mulheres, pois existem diferenças de oportunidades e escolhas entre mulheres de

²¹ RAGO, Margareth. Descobrir historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero, n. 11, 1998.

²² SILVA, 2017.

diferentes classes sociais, etnias e raças. Por isso, segundo Mary Del Priore: “ao estudar a condição feminina, não se pode ter a ingenuidade de crer numa solidariedade de gênero, acima de diferenças de raça, credo e segmento econômico”²³.

O feminismo, independentemente de suas distinções ou filiações teóricas e políticas, tende a ser considerado como o movimento de lutas coletivas de mulheres que buscam igualdade de direitos (sociais, políticos, econômicos, entre outros) em todos os planos da existência. Esta luta se apoia no reconhecimento de que as mulheres são oprimidas específica e sistematicamente e que essa opressão não está inscrita na natureza, colocando a possibilidade política de sua transformação. Dessa forma:

O feminismo busca repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades “femininas” ou “masculinas” sejam atributos do ser humano em sua globalidade.²⁴

Portanto, esse novo cenário que retrata a transformação dos papéis sociais das mulheres provocou reformulações nas relações sociais, na família, no trabalho e em outros âmbitos. Sem dúvida, essa dinâmica refletiu nas mulheres a busca por outras condições de vida e o desejo de serem independentes, se firmarem como sujeitos livres da influência da cultura patriarcal e ter as suas individualidades.

Na contemporaneidade, algumas tradições vêm sofrendo reformulações, bem como produção de mudanças significativas. Observa-se a formação de novas configurações e uma diversidade de pensamentos e formas de ser mulher. Houve conquistas importantes, como a entrada de mulheres em maiores proporções no mercado de trabalho e aumento da escolaridade, mas há permanências que ainda persistem. Afinal, existe um *ethos* semelhante entre o estilo de vida de mulheres que rompem com as constâncias históricas que sustentam a sociedade em torno da maternidade e do casamento? Enfim, como se dá a busca por legitimação do ser solteira em uma sociedade que estabelece funções sociais de ser mulher? O que significa ser solteira hoje?

²³ DEL PRIORE, 2009, p. 22.

²⁴ ALVES; PITANGUY, 1995, p. 9.

1.2 A construção de normas sociais para a restrição das mulheres aos papéis de esposa, mãe e dona de casa

Para entender as questões que giram em torno do significado de ser solteira hoje é necessário destacar que as mulheres solteiras, ao longo da história, sempre sofreram com o preconceito e a discriminação. No período do Brasil Colônia, acreditava-se que a mulher tinha um papel importante e bem definido na sociedade que se formava: esposa e mãe, de preferência com muitos filhos e muitas filhas, e quem não se adequasse a este modelo passaria a ser malvista perante a sociedade. A promiscuidade sexual era tão condenada quanto o celibato. Dizia-se que uma mulher que não usufrísse de uma vida sexual regrada (dentro do casamento), poderia sofrer com doenças terríveis: melancolia, histeria, ninfomania, febres e achaques²⁵. Priore destaca que as “solteiras do mundo, vítimas ou metáfora para o desregramento, viviam no avesso das mulheres que alegavam honra, recato e honestidade, como faziam as boas e virtuosas mulheres”.²⁶ Segundo Vainfas:

À mulher solteira que, convém esclarecer, não possuía o significado que hoje lhe atribuímos de mulher não casada. Solteira era a mulher desimpedida, livre, sem proteção de família ou marido, passível de envolver-se em quaisquer relações amorosas ou sexuais.²⁷

Segundo o autor essa vinculação se estendia também a outras realidades fora do Brasil, como por exemplo, na Espanha, onde “*soltera* era mulher suspeita de viver desregradamente”²⁸. Em Portugal, solteira era “a mulher que nunca casou, mulher que não tem marido, mulher pública, quase sinônimo de meretriz, ainda que sem conotação profissional”.²⁹

Para as mulheres havia poucas alternativas. Se não fossem casadas e honradas, seriam classificadas como prostitutas ou como solteironas enrustidas. No Brasil Colônia, onde os casamentos misturavam-se a concubinatos e amancebamentos, a rejeição a celibatárias, termo utilizado para mulheres que

²⁵ DEL PRIORE, 2009.

²⁶ DEL PRIORE, 2009, p. 34.

²⁷ VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos Pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Campus, 1989. p. 60.

²⁸ VAINFAS, 1989, p. 60.

²⁹ VAINFAS, 1989, p. 61.

não constituíram casamento, que viviam fora de ligações institucionais ou consensuais, era frequente.³⁰

A desigualdade dogmática imposta pela Igreja entre o homem e a mulher casados estendeu-se às mulheres, que se dividiam entre certas e erradas. Assim, tanto as casadas quanto as solidamente concubinas confinavam-se mais à família e à casa, para diferenciarem-se da outra, solteira e mundana, que ‘usasse mal de si’. O discurso sobre o perigo e os pecados das luxuriosas permitiu um melhor confinamento da mulher enquadrada e um maior isolamento daquela desregrada, valorizando o papel do casamento como mediador entre umas e outras.³¹

A mulher “solteira” era aquela que não contava com a proteção do pai ou marido. Com esta mulher, acreditava-se popularmente, não haveria problema em se manter relações sexuais esporádicas e não havia pecado. Isto revela a situação desprotegida socialmente em que ficava uma mulher que porventura não estivesse “tutelada” por pai ou marido³².

Esta é uma nuance da histórica expressão “mulher solteira”. Percebe-se como o seu uso carrega toda uma semântica, própria de seu tempo. Em uma sociedade em que as mulheres nasciam, cresciam e casavam, para ter filhos e filhas, a *donzelona* era aquela que não cumpria as regras, que se colocava fora do lugar certo, que havia falhado. E tudo isso, com tanta discrição, que era como se não existissem. Quanto mais idade, pior. Uma mulher de trinta anos era considerada ‘moça velha’ e, portanto, não mais plausível de ser amada. “Não sendo capaz de inspirar um casamento, ela também não impunha respeito. A partir dos 22 anos, quem não casava era estigmatizada como ‘moça-velha’³³. Segundo Vainfas:

Era fato corriqueiro o casamento de moças com menos de 20 anos, e raríssimo o de mulheres com mais de 30; após os 14 anos as meninas não mais eram vistas como ‘raparigas’, e chegando aos 40, fossem ou não casadas, eram tidas como velhas.³⁴

No sertão nordestino as moças sofriam pressão da sociedade para adquirir matrimônio “entre os 15 e 18 anos, pois se passasse dos 25 anos sem se

³⁰ DEL PRIORE, 2009.

³¹ DEL PRIORE, 2009, p. 26.

³² VAINFAS, 1989, p. 122.

³³ DEL PRIORE, 2009, p. 112.

³⁴ VAINFAS, 1989, p. 122.

casar seria considerada ‘moça velha’, ‘moça que tinha dado o tiro na macaca’, ou ainda moça que chegara ao ‘carito’³⁵. A sociedade era cruel com essas mulheres: elas se tornavam alvo de zombarias e desprezo.

Com o tempo escorrendo na ampulheta da vida, elas davam adeus ao riso, às brincadeiras, aos amantes sonhados e à beleza. Muitos juristas concebiam o celibato como um estado indecente. E os médicos, a porta aberta para uma grave doença: a histeria.³⁶

Durante todo o Brasil Colônia evidenciava-se à mulher a figura de esposa. O seu valor perante a sociedade estava intrinsecamente vinculado à honestidade, que deveria ser expressa pelo recato, pelo exercício das funções de mulher do lar e pelos inúmeros filhos e filhas que presentearia ao marido. Uma vez casada, deveria se enquadrar à sua função: “mulher-casada, para ser vista somente pelo marido”.³⁷

No fim do século XIX, com a instauração da ordem burguesa, a modernização e a higienização do Brasil, e o advento da corrente filosófica positivista, outro ideário passou a ser posto juntamente com a pressão social ao casamento, a idealização do ser mãe, pois esta era uma missão civilizadora das mulheres. As ideias positivistas contribuíram para a reprodução dos discursos homogeneizadores dos papéis femininos reafirmando a ideia de que “ser mãe era o papel mais sublime que uma mulher poderia desejar”.³⁸ Dessa forma, “a mulher ideal era uma filha obediente, esposa dedicada, mãe exemplar e, quando pobre, trabalhadora virtuosa”³⁹.

As primeiras décadas da República foram de intensa vigilância sobre o comportamento das mulheres. “O fantasma da prostituição era utilizado com frequência, para lembrar-lhes de que não deveriam fugir à conduta que delas era esperada”⁴⁰. Nesse período, o celibato passou a ser associado ao feminismo, que, por sua vez, era ligado a feiura e masculinização.

³⁵ FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: PRIORE, Mary.(Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 241-277.

³⁶ DEL PRIORE, 2009, p. 171.

³⁷ FALCI, 2015, p. 269.

³⁸ PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: PRIORE, Mary.(Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 279-321.

³⁹ PEDRO, 2015, p. 299.

⁴⁰ PEDRO, 2015, p. 304.

No entender da imprensa da época, quem não era agraciada com beleza física suficiente para se casar vingava-se aderindo aos movimentos de emancipação. O medo da mulher inteligente, preparada, da que lia ou escrevia era visível. A emancipação era percebida nos mais diversos setores políticos e sociais como ameaça à ordem estabelecida e ao domínio masculino.⁴¹

Era algo comum na imprensa a veiculação de imagens femininas idealizadas, contrapondo com frequência às qualidades femininas ideais: meiga, frágil, amorosa, às que eram consideradas perigosas: vaidade, futilidade e traição⁴². E, assim, as mulheres carregavam consigo os efeitos de uma ordem social injusta e discriminatória, tendo em seu cotidiano que conviver com normas sociais restritas aos papéis de esposa, mãe e dona de casa.

A identidade sexual e social das mulheres moldava-se para atender a um sistema de dominação familiar e social. “Mulheres solteiras que se deixassem desvirginar perdiam o direito a qualquer consideração. [...] Afinal, pureza era fundamental para a mulher, num contexto em que a imagem da Virgem Maria era o exemplo”⁴³. O marco da modernidade e os valores burgueses consolidaram o modelo familiar patriarcal, no qual a maternidade surge como uma invenção ficcional reificando a imagem da família nuclear e da mulher reprodutora.

A revolução sexual dos anos 70, a crescente atuação das mulheres nas arenas públicas, sobretudo nos espaços relacionados à cultura, à educação, à política e ao mercado de trabalho, foram importantes para as mudanças ocorridas no cenário das desigualdades de gênero, bem como na conquista da defesa e ampliação dos direitos das mulheres. A independência financeira abriu uma série de possibilidades antes impensáveis, como, por exemplo, ter a possibilidade de optar em estar em um relacionamento ou não. As mulheres podiam se divorciar, abrindo mão de um casamento que não lhes trouxesse felicidade. Ou simplesmente não se casar ou não ter filhos e filhas, em nome de uma vida mais livre ou mesmo da carreira.

E hoje, que papel as mulheres solteiras e sem filhos e filhas exercem na sociedade contemporânea? Segundo pesquisa realizada por Eliane Gonçalves em seu trabalho “Vidas no Singular”, a mídia, através de “polarizações

⁴¹ DEL PRIORE, 2009, p. 35.

⁴² SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, Mary.(Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 279-321.362-399.

⁴³ SOIHET, 2015, p. 390.

contrastivas”⁴⁴ traz a imagem estereotipada da “solteira do passado”⁴⁵. Segundo a autora, as novas solteiras são caracterizadas como mulheres independentes, estudadas, malhadas, inteligentes, bem-sucedidas, viajadas, elegantes, com vida social intelectualmente inquieta, que vivem em grandes centros urbanos, geralmente bonitas, extremamente exigentes e que se dizem felizes. Essas novas solteiras estariam colhendo os frutos das conquistas do movimento feminista. Mas, mesmo após avanços, progressos e conquistas, as mulheres continuam “pressionadas a arrumar um marido”⁴⁶. Trata-se da permanência da imagem de uma mulher “idealizada da mãe como símbolo do eterno feminino”⁴⁷. Dessa forma, o estigma social internalizado pressiona as mulheres na direção de sua realização.

Hoje, o modo de vida das mulheres solteiras tem muito em comum com as de outrora. Boa parte dos estereótipos permanecem. Segundo Gonçalves:

Apesar das mudanças que permitiram às mulheres independentes sem filhos uma existência menos carregada de preconceitos, o ditado “mulher sem homem é mulher sem nome”, se já não impera inequívoco, ainda ecoa no imaginário de muitos, atualizado pela não realização do destino de mulher (a maternidade).⁴⁸

A situação de hoje em torno do estigma de ser solteira não mudou muito, pois aquelas que não têm um companheiro ou uma companheira, ainda são vistas com maus olhos pela sociedade. Em um contexto marcado por relações de poder que se sobrepõem (econômico, familiar, sexual, de gênero), as mulheres solteiras, aparentemente, não se distinguem de outras mulheres igualmente escolarizadas e profissionais, exceto pelo estatuto conjugal, ter ou não um par e não ser mãe. No entanto, em muitos sentidos, elas são “diferentes”, pois suas escolhas e decisões no curso da vida apontam para dimensões tratadas com ambiguidade pela sociedade, como o gosto pela independência, sentir-se livre, o “si mesma” como projeto. Se as percepções sobre o casamento funcionam como estratégia explicativa para a “condição” das mulheres solteiras e sem filhos

⁴⁴ GONÇALVES, Eliane. *Vidas no singular: noções sobre “mulheres sós” no Brasil contemporâneo*. 2007. 275 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2007. p. 72.

⁴⁵ GONÇALVES, 2007, p. 72.

⁴⁶ GONÇALVES, 2007, p. 73.

⁴⁷ GONÇALVES, 2007, p. 212.

⁴⁸ GONÇALVES, 2007, p. 219.

e filhas, ao opor seus caminhos percorridos às expectativas sociais, a família organizada nos moldes do casamento parece funcionar como lugar simbólico da normalidade⁴⁹.

De acordo com Foucault, “dispositivo de poder” é uma rede que se pode estabelecer entre elementos discursivos, ou não, desvelando um jogo paradoxal estabelecido entre sujeitos e normas, revelando as sedimentações e as fissuras constituintes. Isso reflete um conjunto de saberes operando a partir de práticas de poder sobre os corpos, o sexo e a sexualidade das mulheres⁵⁰. Nesse sentido, é possível pensar a realidade de mulheres solteiras a partir das fissuras, ou seja, como as mulheres criam espaços de agência e campos de possibilidades diante dos discursos religiosos no âmbito familiar? Como esses discursos operam nas interações sociais? Quais são as imagens de si que são criadas, construídas e reformuladas nas situações ordinárias e extraordinárias?

Se os corpos foram disciplinados conformando uma matriz heteronormativa como é possível pensar em outras possibilidades para além dessa norma? Como libertar-se dos cativeros⁵¹ que são postos? Que lugares ocupam essas mulheres que não casaram e nem projetam filhos e filhas? Estariam fadadas ao estigma e ao pecado?

É a partir dessas reflexões que as mulheres em estudo estão situadas, longe de uma perspectiva essencializadora ou de caráter naturalizante, distanciando-se das identidades fixas, preexistentes e preestabelecidas. Essa perspectiva leva a provocação de pensar nos transbordamentos, nas fissuras, nas brechas, para além do que está posto.

1.3 Descobrimo as novas solteiras e suportes metodológicos

Ser solteira se constitui um desvio, um incômodo ou um problema para as mulheres? E para sociedade que insiste em rotular, predestinar e naturalizar as mulheres aos papéis socialmente construídos de mães, esposas e donas de casa? Nos tópicos a seguir serão apresentadas mulheres que, de algum modo,

⁴⁹ GONÇALVES, 2007, p. 220.

⁵⁰ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Tradução Roberto Machado 3.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

⁵¹ LAGARDE, Marcela. *Los cautiveros de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. 4. ed., México: UNAM, 2005.

romperam com as identidades fixas e que trilharam caminhos opostos ao destino social impostos às mulheres. Para isso apresenta-se os caminhos trilhados na pesquisa, desde a formulação do problema à realização da coleta dos dados. Em seguida, será apontado um breve perfil socioeconômico e cultural das participantes da pesquisa, para compreender quem são e que lugares ocupam essas mulheres.

1.3.1 Sobre caminhos trilhados ao longo da pesquisa

Ao adentrar o Mestrado Profissional em Teologia, na Linha de Pesquisa Gênero, Feminismos e Diversidade, da Faculdade EST, deparei-me com leituras antes desconhecidas e que abordavam temáticas que me incomodavam enquanto mulher. Tendo o primeiro contato com o universo da teologia e dos movimentos feministas e discussões sobre justiça de gênero, foi possível identificar os preconceitos enraizados na sociedade e no inconsciente coletivo, tendo o machismo como o mais presente e o mais letal e, sem dúvida, o mais difícil de extirpar, com opressores e oprimidas advogando em seu favor, ainda que inconscientemente.

A imposição social do casamento e a constituição de família (com filhas e filhos), recai sobre as mulheres como uma norma a ser cumprida para se ter um lugar social valorizado. Defende-se que para ser uma mulher realizada, completa e responsável é necessário cumprir com essas “obrigações”. No entanto, no contexto das sociedades atuais, as regras, os valores e comportamentos vêm sofrendo algumas rupturas a partir da emergência e visibilidade de outras formas de relações, identidades e formas de viver. Casar, ter filhas e filhos e constituir família já não são mais as únicas opções que as mulheres possuem, podendo trilhar outros caminhos, fazer outras escolhas.

Pensando nessas mudanças é possível levantar algumas suspeitas, como: Algumas mulheres acima dos trinta anos veem o casamento e a reprodução biológica como faces da dominação masculina? De que forma a maternidade e o casamento se configuram para essas mulheres? É possível romper com a reserva cultural focada no direcionamento da mulher como mãe e casada? A educação e o trabalho qualificado e remunerado são percebidos como

centrais à autonomia das mulheres? O que leva mulheres acima dos trinta anos de idade a postergarem o casamento e a maternidade?

Para o processo de pesquisa desse trabalho, primeiramente, foi utilizada a pesquisa bibliográfica de produções consagradas no âmbito acadêmico, as quais serviram de base teórica para as análises do estudo proposto. Utilizou-se a epistemologia feminista, a qual realiza críticas a teorias androcêntricas e se compromete com um olhar situado sob o “ponto de vista” de quem constrói o conhecimento, como eixo para a produção do conhecimento. Além disso, adotou-se “gênero” como uma categoria de análise, de cunho político e relacional que envolve relações de poder, articulada com outras dimensões da vida social como as de classe, raça/etnia, idade/geração.

Para chegar à coleta de dados final foi preciso trilhar um longo caminho, entre a metodologia proposta inicialmente e a que de fato se estabeleceu. Na proposta original, conforme projeto de pesquisa formulado no componente curricular Seminário de Pesquisa⁵², o qual foi cadastrado na Plataforma Brasil⁵³, posteriormente submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdades EST⁵⁴, foram sugeridos três encontros com grupos focais como estratégia para se debater temas geradores referentes ao trabalho: sexualidade, casamento e maternidade. Num segundo momento essas questões seriam aprofundadas em entrevistas individuais.

Após a seleção das participantes foi feito contato, apresentando o tema e a proposta metodológica. Todas se mostraram entusiasmadas e dispostas a contribuir para a obtenção dos dados. Em seguida, foi realizado levantamento da disponibilidade que as mesmas teriam para dar início aos encontros do grupo focal. Foi então que se percebeu a dificuldade em torno do “tempinho” que teriam. No início de fevereiro de 2017 foi marcado o primeiro encontro, em horário

⁵² Componente curricular ministrado pelo professor Dr. Iuri Andréas Reblin. Para a turma do Mestrado Profissional, Linha de Pesquisa Gênero, Feminismo e Diversidade 1B, Módulo 2, Julho 2015.

⁵³ A Plataforma Brasil é uma base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos para todo o sistema CEP/CONEP. Ela permite que as pesquisas sejam acompanhadas em seus diferentes estágios - desde sua submissão até a aprovação final pelo CEP e pela CONEP, quando necessário - possibilitando inclusive o acompanhamento da fase de campo, o envio de relatórios parciais e dos relatórios finais das pesquisas (quando concluídas).

Disponível em: <http://portal2.saude.gov.br/sisnep/Menu_Principal.cfm>

Acesso em 09 de novembro de 2017.

⁵⁴ Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 60247616.7.0000.5314

considerando o quadro de disponibilidades das participantes. Nesse encontro compareceram somente duas mulheres. Conversamos em torno de 40 minutos sobre outras temáticas não relacionadas à pesquisa, sendo sugerido pelas presentes que o grupo fosse remarcado para um outro dia. Foram feitas outras tentativas de remarcar o início do grupo, sem êxito. A compatibilidade de dias e horários foi um fator que impossibilitou tal metodologia.

Ficou evidente, diante desse fator “falta de tempo” que as mulheres solteiras selecionadas tinham uma vida bastante agitada com o trabalho e vida social. Por esse motivo, não foi possível executar a proposta metodológica inicial.

Dessa forma, para a elaboração desse trabalho, optou-se por uma perspectiva qualitativa, tendo em vista que a mesma:

[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.⁵⁵

Assim, este estudo se insere no campo da pesquisa social, na medida em que esta não se limita a um único parâmetro metodológico, utilizando não somente uma única técnica para a coleta de dados, como também, a utilização de instrumentos complementares. Pretendeu-se, dessa forma, seguir um rigor sem rigidez, a fim de que a apreensão e compreensão do problema de pesquisa proposto fossem analisadas em profundidade. Ainda, de acordo com Minayo, as ciências sociais possuem consciência histórica, entendendo o objeto de pesquisa como agente de transformação da sociedade.⁵⁶

Assim, esta pesquisa foi dotada do cruzamento de elementos fornecidos pela observação participante e entrevistas realizadas com mulheres que integraram o campo de investigação escolhido. Tal opção metodológica deve-se ao fato de que estas opções parecem apresentar maior sintonia com a busca de respostas para o problema de investigação proposto: *Que fatores influenciam mulheres acima dos trinta anos a priorizarem a carreira profissional, a autonomia e a estabilidade financeira postergando a ideia de casamento e maternidade?* O presente estudo pretendeu evidenciar o conjunto de falas expressas sobre o tema, proclamadas pelas próprias participantes, mediante a abordagem de

⁵⁵ MINAYO, M. C. (org.) *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1993. p. 21-22.

⁵⁶ MINAYO, 1993, p. 22.

aspectos qualitativos capazes de revelar, a partir de discursos e práticas convergentes e divergentes, as apropriações acerca da temática realizada.

A observação participante, a qual favoreceu a construção do espaço de aproximação com o universo das participantes desta pesquisa, permitiu uma relação de conhecimento direto entre sujeito-objeto e uma inserção mais densa nas práticas e representações vivenciadas cotidianamente pelas mesmas.

Nesse contexto Minayo diz que:

A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, (os agentes) transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real.⁵⁷

Paralelamente ao uso dessa ferramenta, foram realizadas entrevistas com seis mulheres, as quais se encaixavam dentro do perfil proposto na pesquisa: ser solteira, ter idade acima de 30 anos, residir na cidade de Parnaíba/PI, não ter filhos ou filhas, e estar inserida no mercado de trabalho. A escolha dessas mulheres se deu através da rede de contato social da pesquisadora. Primeiramente foram feitas conversas iniciais sobre a temática, a fim de convidá-las para contribuir com a pesquisa, em seguida foram apresentados o tema e objetivos da pesquisa.

A entrevista tornou-se instrumento privilegiado para o estudo, na medida em que possibilitou revelar, por meio do discurso, as concepções e percepções antes não pensadas e refletidas em meio a uma sociedade patriarcal, androcêntrica e sexista na qual estão inseridas e que as próprias agentes se identificam como aquelas que norteiam suas ações e percepções em torno de enquadramentos sociais. No registro dos depoimentos utilizou-se a entrevista semiestruturada, constituída por um roteiro flexível contendo quatorze questões que nortearam a apreensão do objeto desta investigação.

As entrevistas foram realizadas no período entre abril e julho de 2017. Para facilitar o acesso a essas mulheres foi proposta a ida até suas residências e locais de trabalho, onde cada uma sugeriu o melhor espaço e horários para a realização da coleta dos dados. A observação participante foi possível ser feita em encontros informais em barzinhos, restaurantes, praias nos finais de semana,

⁵⁷ MINAYO, 1993, p. 60.

tendo em vista que todas as participantes da pesquisa fazem parte da rede de convívio social da pesquisadora. A sistematização dessas observações foram realizadas através de anotações posteriores e foram incorporadas ao trabalho na medida em que as falas foram analisadas.

1.3.2 Descobrimos perfis das novas solteiras: Informações socioeconômicas e culturais

Nos parágrafos que seguem tem-se a pretensão de apresentar, primeiramente, informações referentes às condições socioeconômicas e culturais nas quais as mulheres participantes da pesquisa estão imersas, sendo possível traçar um perfil e levantar questões pertinentes para análise que permeiam estigmas sociais referentes à vida social das mulheres. Em seguida, é apresentado a tradição religiosa nas quais foram formadas/educadas, destacando a influência e o poder que a religião exerce na vida das mulheres, principalmente no que diz respeito aos papéis predestinados às mulheres.

Com o objetivo de conhecer quem são as mulheres solteiras participantes da pesquisa elas foram questionadas sobre questões sócio econômicas e culturais, que devem ser compreendidas como enunciados para as análises que serão feitas posteriormente, no próximo capítulo. Trata-se de informações básicas, mas riquíssimas como: idade, onde e com quem residem, nível de instrução, nível de escolaridade de suas mães e seus pais, atividade econômica, renda mensal e tradição religiosa na qual foram formadas/educadas.

A Entrevistada 1 tem trinta e um anos, oriunda da cidade de Parnaíba-PI, mora somente com a mãe. É mestranda em Ciências da Educação e possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Piauí e Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Piauí. Sua mãe possui ensino médio completo e seu pai ensino médio incompleto. Trabalha no setor público como técnica administrativa financeira em uma escola e, também, em um hospital. Tem uma renda mensal entre dois a três salários mínimos.

A Entrevistada 2 tem trinta e um anos de idade, natural da cidade de Parnaíba-PI, mora com a mãe, o pai e um irmão. É formada em Serviço Social pela Universidade Federal do Piauí e Mestre em Avaliação de Políticas Públicas pela Universidade Federal do Ceará. Seu pai possui Ensino Médio incompleto e

sua mãe Ensino Superior completo com pós-graduação *latu sensu*. Atualmente é servidora pública federal e possui renda superior a cinco salários mínimos.

A Entrevistada 3 tem trinta e dois anos, mora com uma irmã. Possui nível superior incompleto. Seu pai é analfabeto e sua mãe possui Ensino Fundamental incompleto. Trabalha em uma empresa privada como balconista de farmácia e por conta própria como consultora de uma marca de cosméticos. Sua renda mensal é de um a dois salários mínimos.

A Entrevistada 4 possui trinta e dois anos de idade, oriunda da cidade de Parnaíba-PI e mora com mãe e pai que possuem o nível técnico de instrução. Possui graduação em Serviço Social e trabalha como Assistente Social no setor público. Sua renda mensal é entre dois e três salários mínimos.

A Entrevistada 5 tem trinta anos de idade, oriunda da cidade de Tianguá-CE. Atualmente divide apartamento com três colegas. É técnica em Meio Ambiente pelo Instituto Federal do Piauí, Bacharela em Turismo pela Universidade Federal do Piauí e especialista em Gestão Ambiental. É mestranda em Sociologia na Universidade Federal do Piauí. Seu pai possui ensino médio completo e sua mãe nível superior incompleto. É professora do quadro provisório da Universidade Federal do Piauí e possui renda entre três e cinco salários mínimos.

A Entrevistada 6 tem trinta e um anos de idade, oriunda da cidade de Parnaíba-PI. Possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Piauí, com pós-graduação. Atualmente está cursando sua segunda graduação (Fisioterapia na UFPI). Está empregada no setor público onde atua como Agente Comunitária de Saúde e sua renda média mensal é entre um e dois salários mínimos. Mora com a mãe e o pai, cujo nível de instrução escolar é ensino médio incompleto e nível fundamental incompleto, respectivamente.

Foi possível identificar, através da observação participante, que todas as entrevistadas são brancas, habitam em bairros do centro urbano da cidade de Parnaíba-PI, saem constantemente para barzinhos, restaurantes, boates, pubs e praias (os mais bem frequentados da cidade), viajam frequentemente com amigas e amigos e possuem transporte próprio.

Portanto, o primeiro questionamento em torno das categorias de análise que circundam as informações obtidas foi: o porquê da não presença de mulheres negras entre as entrevistadas, pois o censo realizado pelo Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, apontou que o maior número de solteiras está entre as mulheres negras. O levantamento apontava que, à época, mais da metade delas – 52,52% – não vivia em nenhum tipo de união, independentemente do estado civil⁵⁸.

Evidencia-se, através de pesquisas realizadas, que a população de mulheres negras é a que apresenta o maior número de solteiras no país. Diante do estudo mencionado, Pacheco afirma que:

As mulheres negras (pretas + pardas) são aquelas que têm menores chances de encontrar um parceiro na disputa do “mercado matrimonial”, perdendo para as mulheres de outros grupos raciais, como as mulheres brancas, por exemplo.⁵⁹

Os marcadores sociais da diferença, que são definidos como “sistemas de classificação que organizam a experiência ao identificar certos indivíduos com determinadas categorias sociais”⁶⁰, e estão ligados a relações de poder e sistemas de dominação mais amplos, são responsáveis pela produção e reprodução de desigualdades. Assim, o fator “classe” é preponderante para refletir acerca das consequências do fenômeno étnico-racial, ilustrando claramente a constituição de valores culturais fincados no patriarcalismo colonial.

Enquanto mulheres brancas frequentam os espaços públicos com maior *status* social, que são espaços de afirmação e legitimação que apontam para o abismo social que ainda persiste entre pessoas brancas e negras no Brasil, as mulheres negras ainda ocupam espaços subalternizados.

Partindo para a análise do perfil encontrado das entrevistadas, pode-se perceber com nitidez que todas as mulheres que participaram da pesquisa possuem nível superior completo, entre elas algumas com até mais de uma formação e outras já possuem ou estão cursando mestrado. Os dados corroboram a hipótese de que o avanço da escolarização das mulheres é algo preponderante. Isso implica analisar o alto nível de escolaridade que essas

⁵⁸ ANJOS, Beatriz Anna; ARRAES, Jarid. A solidão tem cor. *Revista Fórum Semanal*. N. 203. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/semanal/a-solidao-tem-cor/>> Acesso em 13 de setembro de 2017.

⁵⁹ PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Mulher Negra: afetividade e solidão*. Salvador: ÉDUFBA, 2013. p. 22.

⁶⁰ ZAMBONI, Marcio. *Marcadores Sociais*. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/315588314/ZAMBONI-MarcadoresSociais>> Acesso em 13 de setembro de 2017.

mulheres “solteiras” atingiram, sendo que, há alguns anos atrás, as mulheres não podiam frequentar escolas, quanto mais universidades, pois seu único destino era o espaço privado, do lar, ser dona de casa, esposa e mãe.

As mulheres sempre se encontraram em uma situação de desvantagem educativa e foram privadas das condições para criarem seus próprios pensamentos. Ivone Gebara relata que:

As mulheres tradicionalmente encerradas no universo doméstico tinham um acesso limitado a muitas outras atividades que poderiam ser fontes de enriquecimento de sua pessoa. Sua atividade primeira, limitada à reprodução e ao cuidado do lar, era o lugar no qual também, deveria encontrar as principais fontes para alimentar sua própria pessoa.⁶¹

Não foi ao acaso que o direito das mulheres à educação foi uma das primeiras bandeiras feministas. No Brasil, o início da luta por esse direito data do século XIX, mas somente a partir dos anos 1960 as mulheres brasileiras começaram, de fato, adentrar o ensino superior.⁶²

Ao se referir aos desafios colocados pelo patriarcado, Ivone Gebara fala da necessidade de “transgressão, desobediência e nova ordem”⁶³. Levando em consideração as normas patriarcais, as mulheres entrevistadas estão transgredindo normas, pois não seguiram um destino que já estaria traçado para elas: de serem esposas, donas de casa e mães. Há, portanto, uma quebra da herança patriarcal, não apenas das seis entrevistadas, mas também de suas mães, pois foi possível observar que todas possuem algum tipo de escolarização. Além disso, com exceção da mãe da entrevistada quatro, as mães das demais entrevistadas possuem maior nível de instrução que os pais. Tal valor pode ter sido influência no alto nível de escolarização das entrevistadas? E do fato de estarem solteiras e ainda não serem mães?

Em relação à atividade econômica, um primeiro elemento que chama a atenção é que todas as entrevistadas estão inseridas no mercado de trabalho no

⁶¹ GEBARA, Ivone. *Mulheres, religião e poder: ensaios feministas*. São Paulo: Edições Terceira Via. 2017. p. 56.

⁶² SOUZA, Regis Glauciane Santos de; SARDENBERG, Cecília Maria B. Visibilizando a mulher no espaço público: a presença das Mulheres nas universidades. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. Disponível em: <http://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/46155/mod_resource/content/2/mulher%20espa%C3%A7o%20p%C3%ABablico.pdf>
Acesso em: 15 de setembro de 2017.

⁶³ GEBARA, 2017, p. 190.

setor público, com exceção da entrevistada 3 que trabalha desempenhando atividade autônoma e, também, no setor privado. Esse dado mostra que as mulheres estão conquistando espaços maiores no mercado de trabalho.

Nos últimos 50 anos, as mulheres têm deixado de atuar apenas no ambiente privado para também se lançarem no mercado de trabalho. Os avanços nas leis trabalhistas permitiram o crescimento dessa mão de obra. Em 2007, as mulheres representavam 40,8% do mercado formal de trabalho; em 2016, passaram a ocupar 44% das vagas.⁶⁴

Um segundo elemento a ser destacado está relacionado à renda. Todas as mulheres solteiras que participaram da pesquisa têm renda média mensal acima de um salário mínimo. Essa condição pode ser um elemento que favorece a ideia, não apenas de postergar os papéis destinados a elas (como mães e esposas), mas, também, cria condições de se constituírem como donas de si, para pleitearem de forma mais livre espaços de trabalho e governar a si mesmas e seus próprios bens.

Outro fator que merece destaque é o fato de essas mulheres ainda morarem com as mães e os pais ou membros da família, com exceção da entrevistada 5, a qual divide apartamento com três colegas, pois, sua família reside em outra cidade. Apesar de todas essas transgressões, fissuras e rachaduras provocadas no modelo patriarcal, ainda permanece no ideário da sociedade a condicionalidade: Porque sair de casa se ainda não casou?

Pesquisas apontam que há cada vez mais jovens de 25 a 34 anos, a chamada "geração canguru", morando com mães e pais. "Em dez anos, houve aumento de quase quatro pontos percentuais de 20,5% para 24,3% entre 2002 e 2012".⁶⁵

Em relação à religiosidade nas quais as participantes da pesquisa foram educadas/formadas, com exceção da entrevistada 3 que relata ter recebido influência de sua mãe, na tradição protestante evangélica, mas hoje em dia não participa ou frequenta nenhum grupo ou comunidade religiosa, as demais afirmam

⁶⁴ Dados retirados do Portal Brasil. Mulheres ganham espaço no mercado de trabalho. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2017/03/mulheres-ganham-espaco-no-mercado-de-trabalho>>

Acesso em: 15 de setembro de 2017.

⁶⁵ MESTRE, Natalia. Os filhos cangurus. Isto é. São Paulo. N. 2296. 2013. Disponível em: <http://istoe.com.br/334805_OS+FILHOS+CANGURUS/>

Acesso em: 16 de setembro de 2017.

ter sido educadas/formadas no catolicismo. Porém, a entrevistada 4 afirma que mesmo recebendo tais ensinamentos, hoje em dia, segue a doutrina espírita, a qual frequenta e participa constantemente. A entrevistada 2 participa com frequência da Comunidade Católica Fase de Cristo, da Renovação Carismática.

A religiosidade é um dos fatores socializadores mais relevantes e influentes nas formas de vida da sociedade, contribui, através da sua ação normativa, para legitimar e reproduzir sistemas de interação e controle sobre padrões e normas de condutas. Contudo é importante compreender a influência da religiosidade e da religião na construção da identidade das mulheres participantes da pesquisa, e como os influxos religiosos contribuíram e/ou contribuem nas concepções e percepções que as mesmas têm sobre casamento e maternidade.

2. TRAJETÓRIAS, CONTEXTOS, CONCEPÇÕES E NARRATIVAS

No capítulo anterior foi apresentado e analisado o perfil socioeconômico e cultural das mulheres participantes da pesquisa. Nesse capítulo serão apresentadas e discutidas algumas questões que emergem das entrevistas. Uma delas é a percepção que as mesmas possuem sobre casamento; a outra é a compreensão que têm sobre maternidade; e, por último, a relação existente entre casamento, maternidade e carreira profissional. Para isso, serão analisados os seguintes pontos: construção, desconstrução e reconstrução sobre casamento ao longo dos anos; importância da maternidade e do casamento para a realização pessoal das mulheres; influência da religiosidade nas percepções sobre casamento e maternidade; importância da realização profissional para as mulheres.

2.1 Percepções sobre casamento: avanços e permanências

O significado de casamento, segundo o Dicionário Aurélio é “Contrato de união ou vínculo entre duas pessoas que institui deveres conjugais”.⁶⁶ Ou seja, casamento é um vínculo estabelecido entre duas pessoas, mediante o reconhecimento estatal, mas também, cultural, religioso ou social, e que pressupõe uma relação de afetividade e intimidade, cuja representação maior é a coabitação, formando um vínculo conjugal que está baseado nas condições dispostas pelo direito civil.⁶⁷

O casamento é uma das tradições humanas mais antigas e disseminadas pelo mundo. Atualmente, ele é visto como uma ação, contrato, formalidade ou cerimônia que deve ser realizado para estabelecer uma união conjugal, na qual as pessoas envolvidas têm como propósito a vida em conjunto, compartilhada.⁶⁸

⁶⁶ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

⁶⁷ COSTA, Gleyce P. *O amor e seus labirintos*. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 53.

⁶⁸ COSTA, 2007, p. 53.

Porém, as primeiras formas de casamento eram vistas como ferramentas de manutenção de relacionamentos entre grupos sociais. As sociedades tribais anglo-saxãs, por exemplo, viam no casamento uma forma de estabelecer alianças e conquistar aliados, constituindo relações diplomáticas e laços econômicos. Durante um longo período os casamentos eram arranjados pelas famílias dos noivos e das noivas, que buscavam conseguir perpetuar alianças ou a manutenção do poder econômico familiar ao promoverem casamentos entre famílias com posses maiores ou de tamanho similar.⁶⁹

O consentimento só passou a fazer parte da tradição a partir de 1140 com o Decreto de Graciano, uma obra extensa que trata sobre o direito canônico, estabelecendo regras de conduta e normatizando costumes da Igreja Católica. O consentimento, ou a manifestação voluntária em relação à vontade de unir-se em matrimônio, passou a ser, a partir do século XII, condição para que o casamento fosse realizado.⁷⁰

Por muito tempo o casamento foi amplamente usado na Europa medieval como modo de formar e manter alianças políticas e militares. Reis, príncipes, rainhas, princesas e demais membros da nobreza sujeitavam-se a casamentos com o único interesse de firmar tratados e assegurar a estabilidade econômica de uma região. O caráter irrevogável que a união matrimonial possuía tinha sentido de estabilidade nas relações entre os grupos de interesse⁷¹.

O casamento, no contexto brasileiro, até meados do século XX era o bem mais desejado por qualquer mulher, pois no Brasil se herdou uma cultura europeia religiosa e tradicional onde a mulher era vista como reprodutora (mãe), esposa e dona de casa. As mães e os pais encaminhavam suas filhas, que nem bem entravam na puberdade, para o casamento. Havia uma certa aflição daquelas que ficavam “pra titia” ou “encalhadas”, termos usados pejorativamente em relação às moças que chegavam aos vinte anos sem se casar.⁷²

A partir do final do século XIX, com a introdução, no Brasil, do Capitalismo e a consequente procura por mão-de-obra, as mulheres foram pouco a pouco buscando novos horizontes e o casamento já não era mais encarado

⁶⁹ COSTA, 2007, p. 56.

⁷⁰ COSTA, 2007, p. 56.

⁷¹ COSTA, 2007, p. 58.

⁷² COSTA, 2007, p. 58.

como a única alternativa digna para as mulheres.⁷³ A mudança dessa perspectiva do casamento como filosofia salvacionista das mulheres se deu mais fortemente após os anos 1950 e 1960, com a difusão do movimento feminista no Brasil.⁷⁴

2.1.1 Compreensões sobre casamento

Com o intuito de compreender qual a visão das participantes da pesquisa sobre casamento, elas foram questionadas sobre esse assunto. Entre as respostas, encontra-se:

Um vínculo que se estabelece entre duas pessoas no intuito de construir uma vida juntos, crescer, compartilhar o seu sucesso e conciliar tudo, lado a lado com a outra pessoa pra serem um só.

(Entrevistada 1)

Observa-se a utilização da palavra “vínculo” que duas pessoas estabelecem para construção de uma vida juntos, que a entrevistada 1 utiliza para designar sua compreensão em torno do casamento. Além disso, é possível perceber a influência da religiosidade presente em sua definição sobre casamento, quando utiliza a expressão “para serem um só”. Esta fala espelha o que está escrito no texto bíblico: “Assim não são mais dois, mas uma só carne” (Marcos 10:9).

Portanto, o seguinte questionamento se apresenta em relação à expressão “para serem um só” após o casamento: como ser dois sendo um? como ser um sendo dois? Aqui reflete-se a questão da individualidade no casamento, ou seja, da relação entre dois sujeitos, seus desejos, suas inserções no mundo, suas percepções do mundo, suas histórias de vida, seus projetos de vida, suas identidades individuais onde, na relação amorosa, irão conviver com uma conjugalidade, um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, um projeto de vida de casal, uma identidade conjugal.⁷⁵

Nos dias atuais, falar sobre conjugalidades é uma tarefa complexa, na medida em que as transformações culturais, sociais e econômicas se refletem na

⁷³ COSTA, 2007, p. 59.

⁷⁴ Sobre movimento feminista no Brasil, ler capítulo I.

⁷⁵ CARNEIRO, Terezinha Féres. Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos conjugais da atualidade. *Psicologia Reflexão e Crítica*. Porto Alegre. vol.1, n.2, 1998.

relação conjugal, dando ao casamento contemporâneo vários significados, com perspectivas diferentes para cada pessoa. Dessa forma, “os ideais contemporâneos de relação conjugal enfatizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles”.⁷⁶

Nesse contexto, a entrevistada 4 apresenta, em sua fala, o seguinte aspecto:

Vejo que o casamento tem se tornado instituição falida. Hoje, as pessoas entram num casamento já pensando em sair dele. Não estão interessadas em desenvolver um relacionamento e não tem consciência alguma do que é estar casado. Estamos na geração do descartável. Desistir com facilidade. Não cuida, não preserva, não persiste, não lutam, não esperam.

(Entrevistada 4)

Em sua fala, a entrevistada 4 pontua questões que refletem sobre o atual momento social, definido por Bauman como “modernidade líquida”⁷⁷ e as relações amorosas como “amor líquido”⁷⁸. Essa situação evidencia um mundo de incertezas, extrema insegurança em relação à duração da ordem política e em relação à estabilidade de cada indivíduo dentro da sociedade, de fragilidade nas relações sociais que cada vez mais se tornam relações mercantilizadas e individualizadas.

Nesse contexto, Carneiro aborda o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade:

Se por um lado, os ideais individualistas estimulam a autonomia dos cônjuges, enfatizando que o casal deve sustentar o crescimento e o desenvolvimento de cada um, por outro, surge a necessidade de vivenciar a conjugalidade, a realidade comum do casal, os desejos e projetos conjugais.⁷⁹

A entrevistada 5 tem o casamento como uma ideia boa, um momento de dividir a vida e de ajuda mútua, mas enfatiza que nem sempre essa divisão e ajuda acontecem, talvez por existirem papéis sociais definidos para homens e mulheres dentro do casamento. Ela afirma:

⁷⁶ CARNEIRO, 1998, p. 2

⁷⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

⁷⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

⁷⁹ CARNEIRO, 1998. p. 3.

Acho que a ideia do casamento é muito boa, ter um companheiro(a) pra dividir a vida e se ajudar, mas na maioria dos casos não é bem assim que acontece.

(Entrevistada 5)

A entrevistada 2 apresenta, em sua fala, um fator considerável em torno dos laços estabelecidos no matrimônio - o financeiro:

União de duas pessoas por laços afetivos e financeiros a fim de compartilhar a vida.

(Entrevistada 2)

A visão sobre casamento presente nessa fala ultrapassa a visão romântica sobre a união estar pautada somente em laços afetivos, pois evidencia também que casamento é união de laços financeiros. Possibilidade essa que se apresenta a tempos remotos, quando as mulheres muitas vezes não contribuíam financeiramente, sendo essa a função estabelecida para o homem e o que era estabelecido para esposas era o cuidado com o lar e sua família.

A entrevistada 3 fala sobre o casamento como algo opcional, um acréscimo para quem já é e se sente feliz sozinha no intuito de somar felicidade, mas enfatiza que é um momento importante somente quando há transparência e liberdade.

É opcional, da própria pessoa, se ela consegue ser feliz sozinha, então o casamento é só um acréscimo, a oportunidade pra somar com alguém essa felicidade, "dividir sonhos". Digamos que casar trata-se de um momento importante na vida da pessoa, quando há transparência e liberdade.

(Entrevistada 3)

Essas afirmações vão na contramão das falas anteriores por evidenciar o casamento como algo opcional, condição inexistente durante muito tempo para as mulheres, pois uma das condicionalidades impostas a elas era a vida matrimonial. Nesse contexto, era impossível o casamento ser algo opcional, pois as mulheres eram enquadradas a esse estilo de vida, ou em determinados períodos históricos e contextos a vida monástica/religiosa era uma outra alternativa ao casamento.

Em um primeiro momento, a fala da entrevistada 6 recorre a um contexto de decepções amorosas, por afirmar que hoje em dia não pensa mais em casamento, pois já foi noiva duas vezes, tornando o casamento, hoje em dia, como algo supérfluo, isso é, sem valor.

Eu já quis muito me casar, já fui noiva duas vezes, mas hoje o casamento se tornou uma coisa supérflua, sem nenhuma importância pra mim, tanto que hoje não penso mais em me casar.

(Entrevistada 6)

Mas, logo é perceptível que essa mulher possui outras idealizações e conquistas, que perpassam a vida a dois que se estabelecem no campo profissional, financeiro, intelectual.

É possível perceber nas falas das entrevistadas sobre suas concepções em torno do casamento uma certa vinculação com expressões religiosas em torno da unidade, onde duas pessoas se tornam uma só após contraírem casamento. Isso leva a entender a influência religiosa que carregam em torno do casamento. Outras falas apresentam certa descridibilidade em torno do casamento, além de considera-lo algo supérfluo. Enfim, pode-se perceber nas falas das entrevistadas formas diversificadas de compreensão e apreensão em torno da instituição casamento, umas permanecendo com estigmas conservadores do patriarcado, outras tentando romper com a visão existente que perdurou durante séculos sobre casamento.

2.1.2 Mudança nas compreensões sobre casamento

Mudanças significativas na sociedade de forma geral vêm ocorrendo, transformações importantes como: o aumento da expectativa de vida da população, maior controle de natalidade com o uso da pílula e outros métodos anticoncepcionais, a entrada das mulheres no mercado de trabalho, o aumento do número de divórcios e recasamentos, entre outros⁸⁰. Esses se apresentam como fatores de mudança nos valores e padrões familiares que foram colocados em questionamento.

Com o aparecimento de novas correntes de pensamento, novas realidades sociais e econômicas, dentro de um contexto social e cultural, as

⁸⁰ CARNEIRO, 1998, p. 4.

mulheres, que anteriormente não tinham direito a uma vida própria, vêm assumindo uma nova postura após conquistas dos movimentos feministas.⁸¹

A independência econômica das mulheres causou profundas implicações nas estruturas familiares tradicionais. Este fenômeno provocou uma reestruturação no contexto familiar sendo que os e as cônjuges passaram a trabalhar fora de casa. A mulher, então, começou a exercer outros papéis além da criação dos filhos e das filhas, passou a preocupar-se com sua realização pessoal e profissional, tornando-se fator fundamental para o sustento da família.⁸²

Dessa forma, diante da pergunta sobre se a concepção que as participantes da pesquisa tinham sobre casamento se modificou ao longo dos anos, apenas a entrevistada 1 afirmou que “Não mudou, ainda permanece a mesma”. As demais respostas confirmam que houve, sim, modificações no modo de pensar e ver o casamento. A entrevistada 6 afirmou:

Sim. Antes eu queria casar, hoje não me vejo mais casada.
(Entrevistada 6)

A fala da entrevistada 6 relaciona apenas a mudança de opinião sobre casamento ao fato de antes ter vontade de casar e hoje em dia não mais.

Já a fala da entrevistada 2 apresenta outros fatores para a mudança em sua concepção sobre casamento.

Mudou sim. Um pouco em relação ao sacramento do matrimônio da Igreja Católica. Ainda considero importante, mas não essencial. Também mudei bastante em relação à visão romantizada que eu tinha sobre o casamento. Hoje vejo mais como algo complicado, que depende de muita sorte pra encontrar um bom companheiro.
(Entrevistada 2)

A Igreja Católica estabelece o casamento entre homens e mulheres como um dos sete sacramentos que devem ser seguidos por suas e seus fiéis. O Catecismo da Igreja Católica afirma que: “O Matrimônio é a união conjugal de um homem e uma mulher, entre pessoas legítimas para formarem uma comunidade indivisa de vida”⁸³. Por pertencer à Comunidade Católica, existem vestígios do

⁸¹ Sobre Movimento Feminista, ler capítulo I.

⁸² CARNEIRO, 1998, p. 4.

⁸³ Papa João Paulo Segundo. *Catecismo da Igreja Católica Apostólica e Romana*, cap. 8, n.3.

fator religiosidade presente na fala da entrevistada 2. Porém, é evidente em sua fala que houve mudança em sua visão sobre casamento segundo os moldes estabelecidos pela Igreja Católica, embora ainda o considere como algo importante, mesmo que tenha deixado de ser essencial em sua vida.

Outro contexto de mudança que ocorreu ao longo dos anos foi a visão romantizada que é empregada sobre casamento e que o fator “sorte” está presente na conquista por esse “bom companheiro”. O que seria, então, um bom companheiro? Partindo da premissa de que a entrevistada 2 é a que possui a maior renda entre as participantes da pesquisa, como também possui um alto nível de escolarização e tem estabilidade financeira, as exigências para encontrar esse “bom companheiro” vão se alargando.

De forma semelhante à fala da entrevistada 2, a entrevistada 5 afirma, também, uma mudança de visão em torno do amor romântico, e evidencia um outro fator importante de análise: a sobrecarga de responsabilidades, atribuições e obrigações para as mulheres.

Sim, eu tinha uma visão bem romântica do casamento, porém, com o passar dos anos percebi que a realidade é bem complicada, percebi uma sobrecarga de responsabilidades na mulher.

(Entrevistada 5)

Romper com a visão colocada socialmente para as mulheres sobre o amor romântico não é tarefa fácil, pois o conceito de amor nesses moldes é algo que abrange a crença no amor como aspecto central do casamento, a crença na existência de um único e verdadeiro amor, a crença de que o amor dura para sempre, como também, a crença de que o amor supera todos os obstáculos. O amor romântico aparece, portanto, como elemento normativo que parece responder, ainda que de modo simbólico, à lógica da dominação masculina, da hierarquização dos pares e da complementaridade dos sujeitos.⁸⁴

Em relação às responsabilidades impostas às mulheres no casamento, essas envolvem a diferenciação entre espaço público e espaço privado que

⁸⁴ JUNQUEIRA, Telma Low Silva; MELO, Danielly Spósito Pessoa de. *Feministas advertem: o mito do amor romântico faz mal à saúde! Sentidos produzidos por adolescentes acerca da interface Entre amor romântico, violência contra as mulheres e saúde*. Universidade Federal Rural de Pernambuco. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/liti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/666/675>. Acesso em: 02 de out. de 2017.

acabou por confinar a mulher à esfera doméstica (casa, marido e filhos e filhas). A delimitação do público e privado, construídos e potencializados pelas histórias e mitos, no que tange aos papéis sociais da mulher e do homem, foi se cristalizando, tornando-se verdade absoluta inquestionável. Ocorreu uma naturalização do lugar da mulher e do homem na sociedade, legitimando a relação de hierarquia do poder baseada no gênero⁸⁵.

A compreensão das relações de gênero implica que sejam entendidas como uma construção social baseada na diferenciação biológica dos sexos, expressa através de relações de poder e subordinação, representada pela discriminação de funções, atividades, normas e condutas esperadas para homens e mulheres em cada sociedade. Saffioti ressalta o papel fundamental das instituições de “poder” em legitimar os estereótipos sexuais. Segundo ela: “O papel das doutrinas religiosas, educativas e jurídicas, sempre foi o de afirmar o sentido do masculino e do feminino, construído no interior das relações de poder”.⁸⁶

O poder é entendido como manifestações de correlação de forças centralizadas no controle, na opressão que sugere um dominador e um dominado, arraigado nas relações sociais, culturais, econômicas, políticas e sexuais. Segundo Foucault:

(...) o poder não é algo que se adquire, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis; que as relações de poder não se encontram em posição de exterioridade com respeito a outros tipos de relações (processos econômicos, relações de conhecimentos, relações sexuais), mas lhe são imanentes; são os efeitos imediatos das partilhas, desigualdades e desequilíbrio que se produzem nas mesmas e, reciprocamente, são as condições internas destas diferenciações.⁸⁷

Na linha de pensamento sobre permanências de estereótipos estabelecidos para mulheres e homens e as relações de poder impostas pela sociedade em relação a gênero, a fala da entrevistada 3 enfatiza a mudança de

⁸⁵ DEL PRIORE, 2009, 39.

⁸⁶ SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A. de O. BRUSCHINI, C. (orgs.) *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p. 188.

⁸⁷ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*. Vol.1: A vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 13.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p. 89.

posicionamento sobre casamento a partir da percepção sobre a importância de se firmar e se realizar enquanto mulher somente com o casamento.

Sim, porque antes eu pensava que a mulher só era realizada, feliz, se fosse ao lado de alguém, ou seja, casada. O importante era ser casada e sustentada pelo marido. Enfim, meu pensamento conservador, mudou completamente em relação casamento, eu fui observando tantos divórcios, o pivô da separação seria falta de liberdade, desconfiança, amor próprio. Pois muitos vivem aprisionados pelos seus parceiros(as) só satisfazendo as vontades deles e esquecendo, que você pode mudar e tem direitos de poder sobre si. Enfim, essa ideia de que mulher é propriedade do homem. Mudou completamente.

(Entrevistada 3)

A seguinte fala aponta para a superação dos padrões sexistas impostos e mostra consideráveis avanços na quebra da reprodução dos protótipos construídos como naturais e próprios às relações afetivo-sexuais entre os sexos. A entrevistada 4 atribui sua mudança de compreensão sobre casamento ao fator “individualidade”, divergindo do conceito padrão de casamento que é o de “união”. Pensar somente na realização de si é uma razão para o fim do matrimônio.

Sim, muito. A minha opinião mudou porque a cada dia percebo que as pessoas têm se tornado cada dia mais individualistas. Pensando apenas na realização de si mesmas. Em outras situações muitos dos casais se unem mas não lutam para manter o matrimônio. Na primeira dificuldade pensam logo em se separar. O que acaba com que o matrimônio se torne desvalorizado e sem importância para as gerações atuais.

(Entrevistada 4)

As falas acima mostram que a visão e concepção sobre casamento vem sofrendo modificações por parte das mulheres. O discurso social sobre valores inerentes à natureza feminina em relação ao sacrifício e devoção em prol de uma vida matrimonial vem sofrendo alterações. Nos dias atuais o casamento já não ocupa lugar tão central na vida das mulheres, como demonstram as falas das entrevistadas.

2.1.3 Casamento: opção para vida?

Após conhecer sobre a mudança ou não de opinião sobre o casamento ao longo dos anos, foi direcionado às participantes da pesquisa a seguinte

pergunta: *Você acha que o casamento é uma opção para você?* Quatro mulheres afirmaram ter o casamento como uma opção para suas vidas e duas responderam que não possuem mais o casamento como uma opção.

Não. Porque não vejo o casamento como algo necessário. E também por perceber que os valores convencionados estão perdendo o sentido e recebendo outros até mesmo na própria lei que foram absorvendo as formas de casamento, como por exemplo, a união estável. Os parâmetros de amor, intimidade e relacionamento está mudando.

(Entrevistada 4)

Não. Porque estou focando na minha carreira.

(Entrevistada 6)

Destaca-se na fala da entrevistada 4 que o motivo para não ter o casamento como opção é a mudança dos valores convencionais, sendo que não percebe mais o matrimônio como algo necessário. Ela cita a união estável⁸⁸ como uma outra possibilidade de viver a dois sem os rituais e regras padrões do casamento.

Na fala da entrevistada 6 evidencia-se que o motivo para o não casar é o fato de seu foco de vida estar centrado em sua carreira profissional. Observa-se nessa fala uma transgressão às normas impostas às mulheres durante séculos. Hoje as mulheres não são mais associadas apenas aos papéis que envolvem casamento e maternidade e a realização de tarefas domésticas. As novas possibilidades para as mulheres dão condições de buscar o sucesso profissional e financeiro, para além, simplesmente, dos papéis que eram definidos como únicos: ser mãe e esposa.

É possível, também, refletir sobre o porquê a relação entre carreira profissional e casamento parece ser algo impossível de conciliar. Porque as mulheres precisam optar entre um e outro? Talvez, pelas responsabilidades e atribuições que são consideradas naturalizadas como femininas, como o cuidado

⁸⁸ O casamento realizado atualmente, o chamado casamento civil, é visto como a aprovação do Estado. De acordo com o Código Civil de 2002 em seu artigo 1.511 “O casamento estabelece a comunhão plena de vida, com base na igualdade de direitos e deveres dos cônjuges” (BRASIL, 2010); A União Estável está descrita a partir do artigo 1.723 e seguintes do Código Civil de 2002 que dispõe: “É reconhecida como entidade familiar a União Estável entre o homem e a mulher, configurada na convivência pública, contínua e duradoura e estabelecida com o objetivo de constituição de família” (BRASIL, 2010). VIÇOSO, Laiza de Castro. Casamento e união estável: diferenças e características comuns. Disponível em: http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=14104. Acesso em: 29 de novembro de 2017.

com as atividades domésticas, sobrecarregando assim essas mulheres? Para as mulheres solteiras, conciliar as tarefas parece mais fácil do que para as que têm marido e/ou filhas e filhos? Então, muitas mulheres adiam casamento, maternidade, outras optam por não casar e ser mães para que os planos profissionais possam ser colocados em prática.

Dentre as que possuem o casamento como opção para suas vidas, a entrevistada 1 diz ainda ter o conjúgio como objetivo a ser alcançado, pois acredita no matrimônio. Enquanto a entrevistada 2 gostaria de ter o casamento presente em sua vida.

Sim. Eu acredito no casamento e ainda penso em alcançar esse objetivo na minha vida.

(Entrevistada 1)

Sim. Gostaria de ter essa opção para minha vida ainda.

(entrevistada 2)

A fala da entrevistada 3 traz elementos históricos pautados no patriarcalismo que obrigavam as mulheres a casar sem ter o direito de escolha do marido, pois esta atribuição cabia a seu pai.

Sim, porque, antes o casamento era obrigatório, a mulher casava com o marido que o pai escolhia, mesmo sem ela querer, tinha que casar para satisfazer a vontade da família. Atualmente a mulher quem decide com quem quer casar, se quer realmente casar e quando pretende casar.

(Entrevistada 3)

A entrevistada 5 apresenta o casamento como opção, mas não o tem como último caminho, devido à independência e à liberdade que possui.

Sim, pode ser uma opção, mas não penso muito nisso, casar é na verdade uma última opção, pois tenho uma vida muito livre e independente, não sei se consigo encontrar alguém que compartilhe isso comigo.

(Entrevistada 5)

Dentre as entrevistadas que tem ou não o casamento como uma opção para suas vidas, é importante refletir sobre as novas mulheres que ultrapassam a idade socialmente limite para casar e ser mãe e não percebem mais essa

possibilidade como única para suas vidas, dentre elas estão as mulheres que participaram dessa pesquisa. Apesar de quatro delas terem o casamento como opção para si, percebe-se nelas outras perspectivas para além da vida privada, doméstica e cheia de atribuições e cuidados domésticos. Na fala da entrevistada 5 é perceptível o anseio por encontrar alguém que compartilhe as responsabilidades de uma vida a dois, fora dos padrões tradicionais que sobrecarregam as mulheres.

2.2 Impressões e expectativas sobre maternidade

Historicamente a maternidade é vista como uma extensão do ser mulher, algo considerado como uma missão sagrada e um destino que deve ser cumprido pelas mulheres. Ser mulher vem sendo construído e colocado como sinônimo de ser mãe. Afirma-se que para ser mulher verdadeiramente, de forma plena, completa, é necessário ser mãe, com todas as extensões que esse papel e/ou missão carrega: ser boa mãe, boa mulher e boa esposa.⁸⁹

É muito comum ouvir que ser mãe é uma vocação, que gerar um filho ou uma filha torna a mulher “mais mulher” e que a vida não está completa até se dar à luz uma criança. Quando meninas ganham bonecas de presente, a intenção é que os cuidados com o brinquedo simulem os cuidados com um bebê, e seja, assim, um treinamento para a vida adulta e o inevitável destino da maternidade.

A antropóloga Marcela Lagarde denomina de *madresposas* a configuração do conjunto de papéis de mãe e esposa destinado às mulheres. Dessa forma:

Su representación ideológica lo define como atributo genérico de las mujeres. De tal manera que aquellas mujeres que no reproducen a los otros son consideradas menos mujeres, menos femeninas. Los papeles, las actividades y el trabajo derivados de la sobreespecialización genérica impregnan y dan contenido a la identidad femenina.⁹⁰

A autora define que todas as mulheres vivem a condição de *madresposas* em alguma situação, independente de terem ou não filhos e filhas e marido. Segundo Eggert e Silva, “todas são e estão articuladas em torno da

⁸⁹ Mais sobre essa discussão em capítulo 1.

⁹⁰ LAGARDE, 2005. p. 121.

maternidade e do matrimônio, enquanto eixos socioculturais e políticos que definem a condição de gênero das mulheres”.⁹¹

2.2.1 Compreensões sobre maternidade

Há uma supervalorização do papel de ser mãe que deve ser exercido em algum momento na vida das mulheres. Uma espécie de identidade natural atrelada à maternidade. Dessa forma, nas falas das entrevistadas 1 e 6 é perceptível a associação feita entre a maternidade e um dom divino, uma bênção, uma graça.

Maternidade é uma bênção divina, conceber uma criança é uma graça e alcançar ela é um privilégio, ser mãe. (Entrevistada 1)

Acho a maternidade uma coisa linda pra quem tem o dom de ser mãe, mas hoje não me vejo tendo filhos. (Entrevistada 6)

Durante muito tempo as mulheres acreditaram que as atribuições que lhes eram impostas faziam parte de uma “natureza feminina”. A maternidade imposta pela sociedade às mulheres é considerada parte dessa “essência feminina” e não seguir essa predefinição de ser mãe é ir contra a sua natureza.⁹²

A cultura semeia mentalidades sexistas que ditam a maternidade como algo inato a todas as mulheres. As consequências nocivas dessa lógica estão em reduzir todas as mulheres ao papel de mãe fazendo com que as meninas absorvam, desde cedo, comportamentos limitados e submissos, aguardando o suposto inevitável dia em que se tornarão mães. Essa compreensão perdura ao longo dos séculos através do mito da maternidade, no qual a personalidade “maternal” que a sociedade atribui às mulheres se limita aos atos de cuidado e servidão, frequentemente associados a um padrão submisso de comportamento.

O mito da maternidade do Deus Homem indica que o corpo de uma mulher submissa à vontade divina é capaz de engendrar a novidade para o resgate e a salvação da humanidade. Valorizar a maternidade como o lugar de excelência para a realização feminina e para a salvação vinda de Deus sem que o sexo interfira nesse processo. Além disso, torna a

⁹¹ EGGERT, Edla. SILVA, Márcia Alves da. O ‘dentro’ e o ‘fora’ do trabalho feminino: entre os papéis de mãe, esposa e trabalhadora. *Educação Unisinos*, São Leopoldo, n. 01, v. 14, jan.-abril, 2010. p. 61.

⁹² DEL PRIORE, 2009, p. 42.

figura de Maria, a Grande Mãe, a consoladora dos aflitos, a mãe dos órfãos, a mãe materna que segura e protege os abandonados.⁹³

Será o amor materno um instinto, uma tendência feminina inata, ou depende, em grande parte, de um comportamento social, variável de acordo com a época e os costumes? Elisabeth Badinter, em seu livro *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, chega à conclusão de que o amor materno é apenas um sentimento humano como outro qualquer e, como tal, incerto, frágil e imperfeito. A autora constata que:

Ao se percorrer a história das atitudes maternas, nasce a convicção de que o instinto materno é um mito. Não encontramos nenhuma conduta universal e necessária da mãe. Ao contrário, constatamos a extrema variabilidade de seus sentimentos, segundo sua cultura, ambições ou frustrações. Como, então, não chegar a conclusão, mesmo que ela pareça cruel, de que o amor materno é apenas um sentimento e, como tal, essencialmente contingente? Esse sentimento pode existir ou não existir; ser e desaparecer. Mostrar-se forte ou frágil. [...] Não, não há uma lei universal nessa matéria, que escape ao determinismo natural. O amor materno não é inerente às mulheres. É 'adicional'.⁹⁴

A entrevistada 4, apesar de afirmar não possuir uma opinião formada, faz menção sobre a maternidade como um momento de realização para as mulheres, associando a fertilidade a um momento de autoestima feminina, confirmando, assim, a sua feminilidade para a sociedade.

Não tenho uma opinião formada sobre a maternidade. No entanto, vejo que ela representa para a mulher sentimentos de realização, uma vez que a sociedade tende a valorizar, estimular e cobrar muito. Desta forma, a fertilidade se associa intimamente à autoestima de uma mulher, quando esta tem a certeza de uma gravidez, ela obtém a prova para si e para a sociedade da sua feminilidade. (Entrevistada 4)

As demais falas não reproduzem a vinculação existente em ser mãe e um dom divino. Todavia, demonstraram uma ruptura com o binômio mulher-mãe. A entrevistada 2 fala sobre as mudanças ocorridas na vida das mulheres quando estas optam pela maternidade.

É um papel que quando a mulher assume, muda completamente sua vida. É a certeza de que não se é mais só e que há alguém que depende de você pra tudo. Envolve a tarefa árdua de educar um filho nos dias de

⁹³ GEBARA, 2017, p. 59.

⁹⁴ BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985. Trad. Waltensir Dutra. p. 367.

hoje, mas a certeza de se ter o laço afetivo mais forte que pode existir.
(Entrevistada 2)

Nesse contexto, a fala da entrevistada 5 evoca elementos de responsabilidade e sobrecarga que as mulheres assumem ao se tornarem mães, e às expõem a uma situação de submissão e dependência.

Acho que a maternidade é uma das responsabilidades que sobrecarrega as mulheres. Ser mãe pode se tornar um grande fardo pela quantidade de cuidados que a mãe é obrigada a assumir, enquanto não deveria ser assim, muitas mulheres são obrigadas a renunciar trabalho e lazer para cuidar dos filhos, para mim ser mãe é algo muito especial sim, porém, deveria ser uma responsabilidade compartilhada. (Entrevistada 5)

Um elemento importante que aparece nessa fala é a responsabilidade compartilhada que deve existir pelas filhas e pelos filhos, fato esse que socialmente é atribuído às mulheres. Mas, tal responsabilidade é somente delas? Apesar de algumas mudanças, ainda persiste, de alguma forma, a divisão tradicional de funções entre homens e mulheres, dentre elas, a menor participação dos homens nas tarefas de casa e nos cuidados com os filhos e as filhas.

Ivone Gebara destaca que as mulheres, ao assumirem a maternidade em suas vidas, passam por dois tipos de dependência.

A primeira dependência é em relação à própria prole a quem tem que cuidar e nutrir, pois socialmente é a mulher que tem a responsabilidade primeira na reprodução. Em segundo lugar, ela tem que abrir mão de muitos dos projetos de vida para se dedicar a um que talvez não tenha sido um projeto, mas acontecimento inesperado ou fato não escolhido ou desejado. E nesse contexto tem que padecer todas as consequências sociais e emocionais de assumir em seu corpo um novo corpo, pensando-lhe um futuro quando muitas vezes este futuro é negado a ela mesma.⁹⁵

O papel da maternidade foi construído como inerente à condição feminina, à realização das mulheres e da feminilidade, está interligado a renúncias e sacrifícios, incorporados ao amor materno, aos cuidados dos filhos e das filhas, e pela responsabilidade do espaço doméstico. Essa ideia de

⁹⁵ GEBARA, 2017, p. 56.

maternidade fez com que as mulheres fossem valorizadas na figura materna, serena, terna, mas no sentido de reprimir qualquer ideia de autonomia.⁹⁶

Nesse sentido o direito de decidir sobre seu corpo é retirado das mulheres no momento em que ela não pode optar se quer ou não prosseguir com uma gravidez que no momento não foi planejada e/ou desejada.⁹⁷ Nesse sentido, a entrevistada 3 enaltece o poder de decisão sobre ser ou não mãe às mulheres, no momento em que quiserem ou não, trazendo, também, a adoção como uma escolha e não somente a concepção/gestação.

O momento certo de ser Mãe, quem deve decidir é a mulher, porque é ela quem passa por todos momentos, afinal é a mulher que fica nove meses carregando o bebê na barriga. Por tanto, é uma decisão, opcional se ela quer ter filhos, quando quer ter, com quem quer, se quer filhos adotivos, ou se não quer ser mãe de maneira alguma. Tudo fica a critério do poder de decisão própria.

(Entrevistada 3)

É importante questionar se hoje as mulheres já possuem o direito de fazer suas escolhas. Uma vez que a maternidade ainda é vista como parte indissociável da construção social do que é ser mulher, quem decide por não gerar uma vida “passam a ter que provar incessantemente que, mesmo não tendo filhos, são mulheres plenas.”⁹⁸

Os movimentos feministas que sempre procuraram desconstruir os conceitos naturalizados do que é “ser mulher”, voltam a sua atenção para a maternidade, propondo pensa-la como algo relacionado não apenas ao corpo, mas a construções sociais que envolvem o “ser mãe”. Portanto, a autonomia de si mesma é a base indispensável para o acesso à cidadania.

Hoje se fala da mulher liberada, empreendedora, disputando o mercado de trabalho em igualdade de condições com o homem. Mas se fala pouco de sua volta a casa, de suas responsabilidades acrescentadas e suas novas angústias. O fato é que não conseguimos sair de forma satisfatória, em muitos lugares, das antigas identidades e responsabilidades femininas. Há sem dúvida avanços notáveis, mas as estruturas básicas da cultura continuam não querendo ceder aos novos

⁹⁶ RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

⁹⁷ Sobre aborto ler: CORRÊA, Sonia; PETCHESKY, Rosalind. Direitos sexuais e reprodutivos: uma perspectiva feminista. *Physis*, v.6, n. 1-2, 1996. p.147-177.

⁹⁸ LARA, de Bruna, et al. *#Meu amigo secreto: feminismo além das redes*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016. p. 122.

tempos. E mais, parecem querer eliminar em muitos espaços os avanços já conquistados.⁹⁹

Apesar dos avanços conquistados há um processo de busca constante para romper com os estigmas que enraízam as mulheres a papéis específicos e estipulados em uma sociedade que se organiza e se pauta em torno do sexismo, patriarcalismo, machismo e androcentrismo, impondo às mulheres limitações no manejo do próprio corpo e conseqüentemente ao seu poder de decidir sobre sua própria vida, sobre suas próprias escolhas.

2.2.2 A importância da maternidade para si

Após ter o conhecimento sobre as percepções que as mulheres participantes da pesquisa possuem sobre “ser mãe”, elas foram perguntadas se a maternidade era algo importante para elas. As entrevistadas 1, 2 e 3 responderam que sim, que a maternidade é algo importante para suas vidas, chegando a ser para a entrevistada 1 a realização de um sonho.

Sim. Almejo ser mãe um dia. É minha maior vontade em poder realizar esse sonho.

(Entrevistada 1)

A entrevistada 2 relatou que a maternidade sempre foi algo importante para ela, porém, hoje há um sentimento de medo, pois gostaria de ser mãe nos moldes tradicionais, dentro de um casamento, compartilhando a educação do(s) filho(s) ou da(s) filha(s) com seu esposo.

Sim. Sempre foi. Mas hoje tenho muito medo de ser mãe, porque ainda vejo o projeto de ter filhos dentro do casamento, compartilhando o processo de educação com um companheiro.

(Entrevistada 2)

A entrevistada 3, apesar de afirmar ser a maternidade algo importante, não individualiza sua resposta, a traz de forma geral, enfatizando a importância do poder de decisão que as mulheres devem possuir, optar pelo momento certo para a gestação.

⁹⁹ GEBARA, 2017, p. 57.

Sim, considero momento importante, porque se a mulher decidir ter filhos por opção dela, então é momento de aproveitar sua decisão, uma experiência que é exclusiva da mulher, de engravidar e passar por todas as etapas da maternidade. Por tanto, é um momento decisivo da pessoa.
(Entrevistada 3)

A entrevistada 6 diz ser a maternidade algo importante para ela, porém, afirma que hoje em dia não é mais, pois está priorizando sua carreira profissional.

Sim, a maternidade já foi algo muito importante para mim, hoje não é mais, porque estou priorizando minha carreira, e a maternidade não está mais como primeira opção.
(Entrevistada 6)

As entrevistadas 4 e 5 negam ser a maternidade algo importante em suas vidas. Para a entrevistada 4 não há em si uma identificação com o papel de mãe e afirma não possuir esse “sonho”, como também não percebe a relação que existe entre ser mulher e ser mãe. Para entrevistada 6 não ser mãe é uma escolha, por compreender a dificuldade de conciliar as obrigações maternas com suas realizações pessoais.

NÃO. Por que até o presente momento não me identifico sendo mãe, não é um “Sonho” e muito menos uma realização enquanto mulher.
(Entrevistada 4)

Não, para mim ser mãe é uma escolha, eu escolhi não ser mãe por entender a dificuldade de conciliar minha realização pessoal com a maternidade.
(Entrevistada 5)

Mesmo vivendo em uma sociedade disciplinadora dos corpos em uma matriz heteronormativa, as falas das entrevistadas 4 e 5 apresentam distanciamentos de identidades fixas, preexistentes, preestabelecidas libertando-se dos cativadores essencializadores e naturalizantes. Ao afirmarem que não possuem o sonho e a identidade da maternidade e optarem por não serem mães, essas mulheres transgridem normas estabelecidas socialmente.

Segundo dados do IBGE, em 2010, 14% das mulheres brasileiras não tinham planos de engravidar. Além disso, o censo mostra que as mulheres com mais instrução (mais de 7 anos de estudo) estão sendo mães mais tarde, depois

dos 30 anos, e a média de filhos e filhas por mulher diminuiu drasticamente, de 6,1 para 1,9 nos últimos 50 anos¹⁰⁰.

Não ter filhos é uma escolha tão legítima como a de ter. A existência de um instinto maternal é um engano, pois nem todas as mulheres querem ser mães. Não é fácil para uma mulher, que não quer ser mãe, assumir o seu projeto de não-maternidade perante uma cultura na qual essa escolha não é socialmente aceita, pois a ideia que ainda perdura sobre as mulheres, é que elas sempre vão querer, em algum momento de suas vidas, casar e ter filhos e filhas.

2.3 Influências da religiosidade nas concepções sobre casamento e maternidade

As relações de gênero se configuram como construções culturais de identidades masculinas e femininas, envolvendo relações de poder e impondo comportamentos aos homens e às mulheres que nem sempre se estabelecem através da coerção física, mas, também, através da subjetividade das relações humanas. No que segue será abordado, de maneira especial, as influências estabelecidas através da religiosidade.

A religião, enquanto agente de socialização de maior relevância na formação da sociedade, contribui, através da sua ação normativa, para a legitimação e reprodução de um sistema de interação de gênero que privilegia a dominância do masculino sobre o feminino. Nesse contexto Josefa Buendía diz que:

As religiões, entre elas o catolicismo, se articulam entorno de princípios e pressupostos de caráter androcêntrico e patriarcal; quer dizer, desenvolvem princípios e valores que têm como referência o modelo e as experiências masculinas. O androcentrismo reduz a humanidade ao masculino, e a vida das mulheres é considerada um apêndice, algo secundário e periférico. O masculino é a norma e o feminino, o seu desvio; a identidade das mulheres é definida em relação à dos homens,

¹⁰⁰ Dados retirados do site terra, coluna comportamento.
Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/mulher/comportamento/14-das-brasileiras-nao-querem-ser-maes-saiba-mais,aa38e4ddfce27310VgnCLD100000bbcceb0aRCRD.html>
Acesso em: 10 de outubro de 2017.

e não em si mesmas. O modelo corresponde a um único sexo, os homens seriam os sujeitos e as mulheres, os objetos.¹⁰¹

Para firmar normas de condutas para as mulheres, dois modelos são postos pelo cristianismo através de figuras míticas religiosas, Maria e Eva. Elas moldam a percepção social que se construiu em torno das mulheres, e fazem parte de uma prática religiosa de tradição antagônica. Isso porque a mesma religião que rebaixa a mulher ao nível mais desprezível, é a mesma que a coloca no mais alto nível de pureza e santidade.¹⁰²

Através de Maria a Igreja explora a possibilidade de a mulher sair da sua condição pecaminosa descendente de Eva. O lugar mítico de Maria encerra a mulher na maternidade construindo o consenso de instinto maternal. Através dela a maternidade imaculada ou a des-sexualização do sexo feminino é elevada a um estatuto de perfeição inatingível.

Vemos a partir dessas situações o quanto as religiões guardam em si uma estrutura que toca a complexa ambiguidade da vida humana e, ao responder suas múltiplas formas de violência. E, a partir dessas necessidades, vamos criando e adaptando crenças e construindo comportamentos, alimentando nossas utopias sociais e religiosas.¹⁰³

Com o intuito de compreender a influência da religiosidade e da religião na construção da identidade das mulheres participantes da pesquisa, elas foram indagadas sobre como os influxos religiosos contribuíram e/ou contribuem nas concepções e percepções que têm sobre casamento e maternidade.

É possível perceber influências do campo religioso nas falas de quatro das entrevistadas. A partir delas é possível demonstrar como os valores do “marianismo” ainda interferem na compreensão que as mulheres têm sobre si mesmas. Percebe-se, também, um reforço do “mito da maternidade”, fortemente combatido pelo movimento feminista, por residir nele um dos grandes sustentáculos da cultura da submissão feminina, que por sua vez é o que modela a naturalização da responsabilização da mulher para com a reprodução social.

¹⁰¹ BUENDÍA, Josefa. Gênero e religião: dimensão política da transgressão. In: ROSADO, Maria José. (org.). *Gênero, feminismo e religião: sobre um campo em construção*. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. p. 117.

¹⁰² BUENDÍA, 2015, p. 117.

¹⁰³ GEBARA, 2017. p. 60.

A entrevistada 1 relata que existem etapas a serem seguidas dentro de uma determinada compreensão sobre a vontade divina em relação ao ser mãe. Deve-se seguir uma sequência entre namorar, noivar e casar. Atropelar ou não cumprir uma delas é ir contra uma regra divina imposta às mulheres.

De certa maneira sim. Nas concepções católicas é preciso passar por todas as etapas até chegar a ser mãe. Fui criada com algumas concepções de que tenho que namorar, noivar, casar. Você não pode atropelar nenhuma dessas regras, posso dizer assim, porque se não a gente tá contra o que Deus escreveu, o que Deus colocou pra gente.

(Entrevistada 1)

A categorização através da doutrinação colocada como natural faz com que muitas pessoas sigam as regras determinadas pela Igreja, segundo a qual os relacionamentos devem seguir uma progressão, uma espécie de fases: primeiro namoro, após noivado, depois casamento e, por último, ter filhos e/ou filhas.

É notório que os valores religiosos são tidos com grande consideração para muitas pessoas. As relações que se colocam fora das etapas e sem laços matrimoniais são consideradas, em muitas tradições, um pecado. Por isso há a necessidade da bênção da Igreja, para que haja um reconhecimento oficial. Serve, também, para mostrar para a sociedade que a união ocorreu dentro do que determinam as tradições, sem deixar, assim, motivos para que o casal seja exposto a maus comentários.

A entrevistada 2 relata que recebeu de seu pai e sua mãe, membros de uma comunidade católica, tais influências e ensinamentos, os tendo como exemplo de relacionamento estável e duradouro dentro dos dogmas e da fé Católica. Mas, ressalta que atualmente não está fácil manter esse tipo de relação, pois as convenções sociais não possuem o mesmo peso de gerações passadas.

Sim. Com certeza. Eu sempre absorvi de forma profunda os ensinamentos da Igreja Católica. Meus pais participam de uma comunidade que tem por missão restaurar matrimônios e famílias. Tenho o exemplo de êxito deles a partir desse trabalho religioso. Não está fácil manter um relacionamento estável por muito tempo atualmente. Isso era uma tendência de gerações passadas, devido não só a opção dos casais, mas a convenções sociais. Hoje, essas convenções não possuem o mesmo peso, portanto é mais fácil romper com casamentos e mantê-los duradouros se tornou algo mais difícil. Vejo o trabalho dessa comunidade religiosa no sentido de orientar casais, diante das dificuldades de cada caso.

(Entrevistada 2)

A fala da entrevistada 2 aponta que a durabilidade dos casamentos se deve a uma tendência de gerações passadas, como também às convenções sociais, e que manter casamentos se tornou mais difícil. Essa afirmação leva a repensar as estruturas sociais, as normas e condutas que eram impostas às mulheres para a manutenção do casamento. Pois mulheres eram educadas para casar e procriar, além de cuidar sozinha de todas as obrigações de manutenção do espaço privado.

A entrevistada 5 enfatiza que a religião trouxe a ela o casamento e a maternidade como algo perfeito e que as mulheres sacrificam parte de suas vidas, identidades e vontades para manter esses padrões ideais e perfeitos para a sociedade.

No início sim, a religião molda uma certa estrutura perfeita de como as coisas devem ser, então acabamos incorporando esses padrões de vida perfeita, um bom casamento, uma boa casa, filhos estudiosos. Porém, muitas vezes as mulheres têm que se sacrificar pra manter isso.

(Entrevistada 5)

A entrevistada 6 afirma já ter recebido influências de sua religião, mas hoje em dia, por priorizar outras questões, não permite mais que os dogmas religiosos exerçam influência sobre si.

A minha religião já influenciou muito nas minhas decisões, hoje não mais. Hoje foco mais no meu bem estar, e na minha felicidade, e não no que a religião fala o que é o certo.

(Entrevistada 6)

A entrevistada 3 afirma não receber influência religiosa, pois não se considera “alienada” por nenhuma religião. Ela cresceu com o posicionamento de sua mãe e seu pai em torno do respeito e seguir sempre o caminho que escolher e achar melhor para si. Porém, ressalta a cobrança social que recebe de seus e suas parentes em torno do casamento e da maternidade.

Não, porque não sou alienada a nem um tipo de religião, minha mãe é evangélica eu respeito, meu pai já falecido a 10 anos, era católico, mas todos tinham um posicionamento voltado para o respeito, e eles deixaram bem claro pra nós, sigam sempre o caminho do bem, e o que for melhor pra vocês, isso que é importante, que sejam feliz. Foi assim que cresci. Ressaltando que sempre tem as cobranças dos parentes, as perguntas do tipo, já casou, ou vai casar quando, tem que casar logo e

ter filhos, como se fosse um dever, uma obrigação. Acredito que quando nós, temos o poder de decisão sobre nós, tudo fica melhor, sem ter que dar satisfação.

(Entrevistada 3)

Embora os papéis esperados das mulheres tenham passado por transformações relevantes, aquelas que não se casam e/ou não têm filhos ou filhas continuam a ser cobradas por isso, como se essas fossem funções obrigatórias para todas. E, dessa forma, quem não as assume, por opção ou outros fatores, parece estar renegando a própria natureza.

2.4 Ser mãe e esposa é fundamental para realização pessoal das mulheres?

A representação da figura feminina direcionada ao casamento, apresentando-se a união matrimonial como um destino desejado pelas mulheres e natural para a sua condição, ainda é bastante difundida. Da mesma forma, a figura da mulher e mãe abnegada que se sacrifica pelo bem-estar de filhas e filhos, constitui outra representação que marca profundamente a vida das mulheres.

Todas as falas abaixo questionam a ideia de que é fundamental para a realização pessoal das mulheres a vivência dos papéis de mãe e esposa. Apesar de existir, em falas anteriores, o desejo, o sonho de casar e ter filhos e filhas, as entrevistadas não concordam com a relação: mulheres – realização pessoal – casamento – maternidade.

A entrevistada 1 afirma que está bem consigo, com seu trabalho e não considera o casamento e a maternidade como algo essencial para sua vida hoje, evidenciando que, se esses fatos ocorrerem, será apenas uma complementação para o seu bem-estar.

Não necessariamente. No meu caso estou bem. Estou bem no meu trabalho, estou bem com minha família e chegar a me casar e ser mãe será uma complementação do meu bem-estar de hoje, e não é essencial, nesse exato momento, pra minha vida agora.

(Entrevistada 1)

A ideia do casamento e da maternidade como um complemento está presente também na fala da entrevistada 3, a qual traz esses elementos não

como um fator essencial para a realização pessoal das mulheres, mas aponta também na direção de autonomia sobre si, sobre seu corpo e sobre a vida das mulheres, sobre o direito de escolher ser ou não mãe, casar ou não, sem que essa opção interfira na condição ser mulher.

Acredito que tem uma ordem, primeiro você tem que se sentir bem consigo mesma, exemplo: mesmo quando ela conseguir lidar com essas realizações sem depender de prisões, com seu parceiro, como já falei antes poder de decisão e liberdade. Mas, enfim, fundamental para realização de uma mulher mesmo, é quando ela tem o poder de decisão sobre si mesma. O casamento e a maternidade é um complemento na vida da mulher.

(Entrevistada 3)

Apesar de negar ser fundamental o casamento e a maternidade para a realização pessoal das mulheres, a fala da entrevistada 2 carrega vestígios de que gostaria de ter cumprido esse destino, pois dessa forma estaria realizada pessoalmente. Porém, afirma que, atualmente, para não se frustrar, projeta para sua vida futura as duas possibilidades: seguir o padrão convencional (ser esposa e mãe) ou permanecer solteira. Na sua fala estão evidentes as heranças e valores tradicionais recebidos e absorvidos. É possível visualizar, ora passivamente, ora em conflito, as escolhas de seu projeto sendo baseados na maternidade e em um casamento estável.

Não. Depende da mulher. É uma opção individual de cada uma. No meu caso, poderia ser uma grande realização pessoal sim, o que não foi possível ainda e nem sei se será, pois não depende só do meu querer. Agora depois dos 30, busco me imaginar daqui há alguns anos de duas formas: casada ou solteira; com filhos ou sem filhos. Tento me projetar das duas formas para não me frustrar como pessoa ou mulher, sabendo que ambas as possibilidades são reais. Pois para mim, não basta se casar e ter filhos para se sentir realizada. Nem sempre é uma opção de vida feliz. O que me deixaria mais realizada seria ter um relacionamento estável com alguém que me faz bem, com quem eu possa compartilhar minha vida de maneira equilibrada e feliz, incluindo filhos como consequência.

(Entrevistada 2)

Para a entrevistada 4 a realização pessoal gira em torno do fator liberdade. A entrevistada 6 afirma não existir relação entre felicidade – casamento e maternidade. Ela levanta a questão dos riscos de depositar expectativas de felicidade em outras pessoas, mesmo estas pessoas sendo filhos, filhas e marido.

Não. Por que nem todas as mulheres têm o casamento e a maternidade como algo importante e fundamental. No meu caso esses dois requisitos estão bem distantes de ser algo fundamental para a realização pessoal na minha vida. Ter liberdade, essa sim é algo que me deixa realizada.

(Entrevistada 4)

De maneira nenhuma que casamento e maternidade significam felicidade para uma mulher, até porque a gente não pode colocar a nossa felicidade pessoal nas mãos de outra pessoa, aí vem muito a questão de colocar expectativas no outro, de querer ser feliz, dependendo do que o outro vai fazer por mim, de maneira nenhuma.

(Entrevistada 6)

A entrevistada 5 traz um depoimento acerca de sua história de vida, reafirmando as injustas relações de gênero que são impostas às mulheres. Sua mãe, após contrair matrimônio teve que abandonar o emprego e a faculdade, pois a sobrecarrega de atribuições e funções que a ela se estabeleceram (cuidar dos filhos e das filhas, marido, atividades domésticas), fizeram com que ela optasse pelo confinamento no lar e seguir conforme o que era estabelecido para as mulheres socialmente.

Acho que muitas mulheres ainda depositam sua realização pessoal no casamento e na maternidade, como a minha mãe, ela largou o emprego, pois casou e tinha que cuidar da casa e do marido, depois largou a faculdade, pois não conseguia conciliar com as crianças que começaram a chegar, e apesar disso tudo ela se considera realizada por ter conseguido criar “bem” os filhos e manter o casamento (apesar de ter sofrido muitos anos com a infidelidade e o alcoolismo do meu pai). E apesar de passar por tudo isso minha mãe ainda espera que eu case e tenha filhos e que isso seja uma realização pra mim. Porém muitas mulheres (como eu) se realizam de outras formas, gostam de estudar, trabalhar, arte, viagens. Enfim, existem inúmeras possibilidades de realização pessoal, que também exigem sacrifícios e trabalho, mas que é uma questão de escolha. É muito importante que essas escolhas sejam respeitadas. Muitas pessoas da minha família até admiram meu estilo de vida, e não me encorajam a casar.

(Entrevistada 5)

O relato acima evidencia uma quebra na manutenção existente em torno dos papéis predefinidos para as mulheres, pois considera que ser realizada pessoalmente não perpassa necessariamente o cumprimento dos papéis de ser casada e mãe, e enfatiza existirem outras formas de realização.

Essas falas demonstram a rejeição de modelos tradicionais predefinidos em torno de comportamentos estereotipados para as mulheres. Ter ou não ter filhos e filhas, casar ou não para elas passou a ser uma opção

individual, longe da cobrança de corresponder ao modelo imposto de mulher ideal.

2.5 A inserção das mulheres no mercado de trabalho

Desde as primeiras décadas do século XX, as mulheres têm conquistado espaço no mercado de trabalho, deixando de ser somente esposas, donas de casa e mães, rompendo com barreiras seculares que as confinavam exclusivamente aos cuidados do lar, marido, filhos e filhas.

A participação da mulher no mercado de trabalho deu-se de forma crescente entre as décadas de 1920 e 1980, acompanhando o processo de urbanização e industrialização da sociedade brasileira. Esse período é marcado por um grande contingente de mulheres exercendo ocupações em condições precárias de trabalho, sem proteção social e com baixa remuneração.¹⁰⁴

A entrada das mulheres no mercado de trabalho brasileiro configura-se, de acordo com Bruschini, como “uma das mais marcantes transformações sociais ocorridas no país desde os anos 70”¹⁰⁵.

O trabalho das mulheres foi importante não apenas como complemento da renda familiar, mas também por suas consequências sociais, tais como: transformações nas expectativas de realização pessoal e profissional, independência financeira, alteração nas relações familiares e entre a mãe e os filhos e filhas.¹⁰⁶

Mas a inserção das mulheres no mercado de trabalho não significou, em tese, uma ruptura com sua responsabilização com as atividades domésticas e com a reprodução social. As atividades domésticas permanecem sob a responsabilidade direta ou indireta da mulher, seja por meio da dupla jornada de

¹⁰⁴ SIMÕES, Fatima Itsue Watanabe; HASHIMOTO Francisco. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. *Revista Vozes dos Vales da UFVJ*, Minas Gerais, n. 2, 2012. p. 8. Disponível em: http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Mulher-mercado-de-trabalho-e-as-configura%C3%A7%C3%B5es-familiares-do-s%C3%A9culo-XX_fatima.pdf

Acesso em 10 de outubro de 2017.

¹⁰⁵ BRUSCHINI, Cristina. Trabalho da mulher no Brasil: tendências recentes. In: SAFFIOTI, Heleieth, I. B., MUÑOZ-VARGAS, Mônica. (orgs.). *Mulher brasileira é assim*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos: Nipas. Brasília: UNICEF, 1994. p. 63.

¹⁰⁶ SIMÕES, 2012, p. 8.

trabalho, seja pelo cumprimento de sua “obrigação” em dar conta do trabalho domiciliar.¹⁰⁷

A partir dos avanços e conquistas de direitos sociais provenientes dos movimentos feministas, o modelo estereotipado “mulher dona de casa” vem sofrendo alterações. Surgem novas concepções de identidade feminina voltadas para o trabalho remunerado e atrelado às necessidades de uma nova sociedade, na qual as diferenças socioeconômicas e de gênero devem se acentuar.

Dessa forma, segundo estudo realizado por Pastore, no Brasil, a cada dez anos, a participação das mulheres aumentou 15 pontos percentuais. O aumento se deu em todas as idades, inclusive entre as mais idosas. O crescimento da participação das mulheres está ligado às transformações na estrutura das ocupações, à melhoria da educação das mulheres e aos salários mais baixos.¹⁰⁸

Aos poucos as mulheres estão ampliando a sua participação dentro da economia nacional. Em 1973 apenas 30,9% da População Economicamente Ativa (PEA) do Brasil era composta por mulheres. De acordo com os dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD), em 1999 elas já representavam 41,4% do total da força de trabalho. Quatro anos depois, em 2000, mais 62 mil mulheres ingressaram pela primeira vez no mercado, aumentando a participação em 1,1 ponto percentual.¹⁰⁹

3.5.1 Significados sobre realização profissional

Realização profissional significa, fundamentalmente, gostar do que se faz, com competência e, como consequência, chegar ao sucesso financeiro. Este item tratará das concepções das entrevistadas sobre realização profissional, seus entendimentos e associações feitas.

Das seis entrevistadas para a elaboração deste trabalho apenas duas associam realização profissional com o fator estabilidade financeira, trazendo em

¹⁰⁷ CISNE, Miria. *Gênero, divisão sexual do trabalho e Serviço Social*. São Paulo: Outras Expressões, 2012, p. 114.

¹⁰⁸ PASTORE, José. A mulher e o mercado de trabalho. *O estado de São de Paulo*, São Paulo. 06 de mar., 2007. Disponível em: http://www.josepastore.com.br/artigos/mu/mu_002.htm
Acesso em: 10 de outubro de 2017.

¹⁰⁹ PASTORE, 2007, p. 1

suas falas, também, outros significados, como ser bem-sucedida, ter bom relacionamento e empenho para garantir a independência.

É você estar bem sucedida em seu trabalho, se relacionando bem com todos, é sempre estar buscando sua estabilidade financeira, trabalhar, se esforçar, se empenhar cada dia mais para poder ter sua independência.
(Entrevistada 1)

É poder trabalhar no que gosta, tendo boas condições financeiras, estabilidade. Posso dizer que sou realizada profissionalmente.
(Entrevistada 2)

As falas abaixo trazem associações de realização profissional com sentimentos de felicidade, paixão, vocação, amor e satisfação, e, também, auto sustento.

Realização profissional é tudo que te gratifica, quando essa foi exercida com garra, luta, desempenho, paixão. É aquela que você tem vocação e tenta desempenha-la com amor e princípios éticos.
(Entrevistada 4)

É você conseguir se sustentar exercendo uma profissão que você gosta e acredita.
(Entrevistada 5)

É ser feliz com o que eu faço, ter um bom emprego. Sair de casa feliz sabendo que vou trabalhar, e não me sentir obrigada. É eu me sentir feliz, satisfeita.
(Entrevistada 6)

Para a entrevistada 3, realização profissional configura-se como um “sonho” a ser alcançado. De acordo com o perfil das participantes da pesquisa ela é a única que trabalha no setor privado e exerce paralelamente atividades autônomas, corroborando com a hipótese de ser esse um dos fatores que levam a mesma a afirmar que realização profissional é um sonho.

É um sonho meu, que vai se tornar realidade, a partir das minhas decisões, das minhas escolhas. É quando eu consigo concretizar aquilo que antes só tinha em pensamento.
(Entrevistada 3)

Com a crise que atinge o mercado de trabalho, muitas pessoas estão apostando na carreira pública como forma de garantir uma estabilidade no emprego e carreira. “Segundo o IBGE, o número de vagas em concursos tem diminuído e o número de candidatos por vaga, cresce cada vez mais. A concorrência chegou a 1,5 mil para cada oportunidade, segundo o órgão”.¹¹⁰

As mulheres entrevistadas nesse estudo trazem a realização profissional como sonhos de vida, gratificação pessoal, felicidade, sucesso e progresso. Diferentemente de tempos atrás quando esses sentimentos estavam interligados com o casamento, ou a possibilidade de realização profissional nem fazia parte ou era uma possibilidade para suas vidas.

2.5.2 Importância da realização profissional

De acordo com o perfil das entrevistadas, todas trabalham e possuem renda mensal entre 1 e 5 salários mínimos. Mas, estar inseridas no mercado de trabalho se configura como realização profissional para elas? Qual a importância dessa realização para suas vidas?

De acordo com a entrevistada 1 essa realização configura-se como importante devido à independência que terá de seu pai e de sua mãe ou de algum membro da família, como também, poder ajuda-los e ajuda-las.

É você ser completamente independente, seja de pai, seja de mãe, não ter que depender deles absolutamente pra nada e também de sua família, e sim, a partir do momento que você cria sua independência você já vai passar a ajudar as outras pessoas, seja seu pai, sua mãe, ou qualquer outra pessoa da sua família, isso já me realiza profissionalmente, você poder saber que pode ajudar uma outra pessoa.
(Entrevistada 1)

Para a entrevistada 2, realização profissional é fundamental, pois lhe possibilita autonomia acima de tudo, como também, sentimentos de realização e conquista.

¹¹⁰ Dados retirados da reportagem do site g1: Com crise econômica, concurso público é aposta para estabilidade. Publicado em 04/04/2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/goias/noticia/2016/04/com-crise-economica-concurso-publico-e-aposta-para-estabilidade.html>. Acesso em: 11 de outubro de 2017.

É fundamental. Possibilita autonomia, acima de tudo. Também, envolve sentimento de realização, de conquista. É um campo que se deve buscar satisfação, traçar e atingir objetivos, independente de ser mulher ou homem.

(Entrevistada 2)

As falas abaixo associam a importância da realização profissional para si destacando aspectos como gostar do que faz e se sentir bem com isso.

É algo que me interessa sempre, muito importante para vida, e nas minhas decisões, vou estar preparada para o mercado de trabalho, isso quer dizer que a partir do momento que estou inserida naquilo que busquei, já é um motivo pra dizer que me realizei profissionalmente, e estou fazendo o que gosto. Por esse caminho.

(Entrevistada 3)

A importância da realização profissional significa, fundamentalmente, gostar do que se faz, com competência. Quando a pessoa se sente realizado com o trabalho que desenvolve é porque reconhece o seu valor e o quanto é importante.

(Entrevistada 4)

É importantíssima, pois ela garante que eu me sinta bem fazendo algo.

(Entrevistada 5)

A entrevistada 6 deixa evidente, mais uma vez, que sua prioridade está em sua carreira profissional, colocando-a sempre em primeiro lugar, pois a partir do momento em que se realizar profissionalmente, poderá focar em outras coisas.

Hoje em dia minha realização profissional está em primeiro lugar nas minhas prioridades, porque eu acho que é a partir daí que vou conseguir focar em outras coisas. Hoje a minha prioridade é a minha profissão, a minha realização profissional.

(Entrevistada 6)

Com a possibilidade da inserção em uma carreira profissional, há a criação de novas perspectivas e oportunidades para as mulheres vislumbrarem outras formas de realização, para além daquelas produzidas para elas, ou seja, marido, filhos, filhas, lar. A entrevistada 6 desloca os papéis predestinados às mulheres e se coloca como centro de sua própria vida, distanciando-se da imagem tradicionalmente construída de mãe e esposa.

2.5.3 Relação entre carreira profissional, casamento e maternidade: É possível conciliar?

O papel social destinado às mulheres, por muitos anos, foi diretamente e exclusivamente relacionado às funções de mãe e esposa. No entanto, esse “compromisso feminino” está passando por modificações. Hoje as mulheres têm outras opções, como se dedicar, também, à esfera profissional.

Esses avanços são frutos de lutas advindas dos movimentos feministas que lutaram e lutam para combater estereótipos, como o da “solteirona” infeliz e frustrada. Afinal, marido, filhas e filhos são/eram elementos obrigatórios para o ideal de realização da mulher. Dessa forma, “como forma de controlar o trabalho, e conseqüentemente a autonomia das mulheres, foram criados empecilhos à conciliação entre casamento/maternidade e carreira profissional”.¹¹¹

Margareth Rago destaca que muitos acreditavam que:

O trabalho da mulher fora de casa destruiria a família, tornaria os laços familiares mais frouxos e debilitaria a raça. As mulheres deixariam de ser mães dedicadas e esposas carinhosas, se trabalhassem fora do lar, além de que um bom número delas deixaria de se interessar pelo casamento e pela maternidade.¹¹²

A carreira profissional possibilitou às mulheres desvencilhar-se do modelo construído, transgredir as normas e os papéis sociais que lhes eram impostos. Ao não casar, não ter filhos e filhas elas provocam as rachaduras na matriz heteronormativa, uma torção no paradigma fabricado, aos padrões de comportamento feminino definidos por modelos de gênero.

As participantes da pesquisa foram questionadas sobre as percepções que possuem sobre a possível relação entre vida profissional, ser mãe e esposa. A entrevistada 1 afirma que é uma relação possível, mas enfatiza que sozinha, sem “ajuda”, fica difícil conciliar trabalho, filho e filha e marido.

¹¹¹ MAIA, Cláudia de Jesus. *A invenção da solteirona: conjugalidades moderna e terror moral – Minas Gerais (1890-1948)*. 2007. 319f. Dissertação (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília. p. 154.

¹¹² RAGO, Margareth. Trabalho Feminino e sexualidade. In: DEL PRIORI, Mary. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 585.

É uma relação direta, pois, vai ser conciliando seu tempo entre trabalho família, com a família que você conquistou e um futuro filho, e é necessário o apoio dos demais membros da família para ajudar nesse teu novo momento. Então, talvez sozinha fica difícil pra você trabalhar, dar atenção pro marido, cuidar do filho, você vai precisar da ajuda da mãe, do pai, de tios, pra ajudar na rotina do dia a dia, pra ficar com a criança, pra poder ir trabalhar, ou contratar alguém, enfim, mas fazendo tudo direitinho tem como conciliar as três coisas sim.

(Entrevistada 1)

Um fator que merece destaque na fala da entrevistada 1 é a expressão “fazer tudo direitinho”. Qual o significado que está empregado nessa expressão? Quem tem que fazer tudo direitinho? Ainda persiste, de alguma forma, a divisão tradicional de funções entre homens e mulheres. Histórica e culturalmente, especialmente dentro da sociedade capitalista, sempre coube à mulher a responsabilidade pelos cuidados com a casa e com a família, independentemente de sua idade, condição de ocupação e nível de renda. O trabalho doméstico recaía sobre as mulheres com base no discurso, vivo até hoje, da naturalidade feminina para o cuidado. Essa atribuição social do cuidado ao feminino, primeiramente, limitou a vida das mulheres ao espaço privado, e, posteriormente, com as transformações socioeconômicas e a busca de independência feminina, marcou desvantagens em relação aos homens na atuação econômica e social.

A entrevistada 2 também afirma que essa relação é possível, que são entrelaçadas até, tendo em vista que a realização profissional, possibilitando melhores condições financeiras, pode favorecer a divisão de responsabilidades no casamento, como também, a possibilidade de assumir uma maternidade. A mesma, não atribui ao aspecto de ter uma carreira profissional o fato de não ter casado e de não ser mãe, e sim, concede esse fato a não ter encontrado a pessoa “certa” para casar e não vislumbra a possibilidade de ser mãe fora de um casamento.

Eu vejo ambas as ideias entrelaçadas. Não me vejo realizando um em detrimento do outro. Sempre quis ser uma pessoa bem sucedida profissionalmente e em termos pessoais, familiares. Não saberia dizer com propriedade se é possível conciliar, pois só quem sabe é quem realmente se encontra nessa realidade, mas acredito que é possível sim. Não acho que tenha sido a minha carreira que tenha atrapalhado a realização pessoal em relação a casamento e maternidade. Uma aconteceu, por que dependia somente de mim mesma, especialmente do meu esforço nos estudos. O outro campo de realização pessoal pode vir a acontecer, é uma possibilidade em aberto que independe da carreira profissional. Acho até que a realização profissional favorece a realização

peçoal, pois se tem condições financeiras de assumir a maternidade e dividir responsabilidades em um casamento. O que atrapalha a realização pessoal são outros fatores, acredito, como o não encontrar o cara certo pra casar, acreditar que a maternidade fora do casamento não me traria satisfação plenamente, enfim... por aí.

(Entrevistada 2)

Nesse relato está exposta a vinculação da realização pessoal aos papéis de mãe e esposa, onde é preciso compreender que o feminismo trouxe a possibilidade de escolha para as mulheres. Hoje elas têm a possibilidade de optar qual o melhor caminho trilhar, mesmo que esse percurso seja permeado por estigmas sociais destinados aos papéis de mãe e esposa. Porém, ainda é preciso uma reconfiguração de significados aos papéis de esposa e mãe para as mulheres, sem que seja preciso fazer escolhas entre esses papéis e seguir carreira profissional, oferecer possibilidades de conciliação, principalmente em relação à divisão justa de tarefas e responsabilidades para com os cuidados com o lar e com as filhas e os filhos.

Contudo, apesar dos progressos existentes em torno dos estigmas preconcebidos sobre as mulheres, a maternidade ainda é vista como sinônimo de feminilidade, e ainda é afirmada e sentida fortemente na cultura e associada à identidade das mulheres.¹¹³

Embora seja evidente essa escolha na fala da entrevistada 2, pode-se observar que a mesma trilhou um caminho inverso àquele que é predestinado socialmente às mulheres, pois sua vontade era ser bem-sucedida profissionalmente e vislumbra essa realização profissional como uma consequência desse sucesso.

As possibilidades de realização pessoal pelo trabalho vêm fazendo com que a maternidade e o casamento fiquem como outras opções na vida das mulheres e não estejam como únicas opções, como projetos prioritários. Nesse contexto, a entrevistada 3 considera possível a relação entre ter uma profissão, ser mãe e casada, mas deixa claro que sua primeira opção está relacionada à sua realização profissional, que é componente para a sua independência e liberdade de escolhas.

¹¹³ MAIA, 2007, p. 103.

Sim é possível conciliar, os dois como falei anteriormente, eu penso assim, primeiro busco me realizar através dos meus sonhos concretizados, que é a profissão, essa é a ideia de ser independente e livre para minhas escolhas, na vida, pessoal e profissional, daí vem o casamento e depois a maternidade. Idealizo dessa forma.

(Entrevistada 3)

É importante destacar que as mulheres colocam a questão da independência financeira (através da realização profissional) como elemento importante para, então, decidir se querem casar e ter filhas e filhos ou não. Era o que Simone de Beauvoir falava: se as mulheres tiverem condições (independência financeira) elas então podem “escolher” o que desejam.¹¹⁴

A emancipação feminina que repercutiu diretamente no comportamento das mulheres, nas últimas décadas, é consequência de sua entrada no mundo do trabalho. É notório que hoje as mulheres buscam uma identidade profissional, uma vez que passaram a ser reconhecidas pelo que fazem e não mais, unicamente, pelo que “naturalmente” deveriam ser.

A possibilidade de reconhecimento, investimento e satisfação pelo trabalho torna esta vivência cada vez mais atrativa para as mulheres. Contudo, a fala da entrevistada 4 afirma que a carreira profissional está se tornando cada vez mais prioridade entre as mulheres, tendo em vista que casamento, filho e filha, alteram a rotina e faz com que elas venham a renunciar projetos pessoais e profissionais. Portanto, é necessário que haja essa renúncia? Quais outros arranjos sociais permitiriam conjugar, conciliar?

A carreira profissional tem se tornado prioridade para as mulheres nos últimos tempos, visto que, o casamento e filho implicam não só a modificação da rotina, mas também a possibilidade de renunciar planos pessoais e profissionais. Outro fator importante é a questão econômica para manter uma família.

(Entrevistada 4)

A entrevistada 5 afirma que essa relação vem acompanhada de uma sobrecarga para as mulheres, nos papéis de mãe e esposa, sendo atribuído a elas o estereótipo de cuidadora, como também, de responsabilidade pelas atividades domésticas. Em sua concepção visualiza o casamento, a maternidade e a realização profissional como algo difícil de ser conciliado.

¹¹⁴ BEAUVOIR, 2016.

Pode ser até possível, mas o que tenho visto não é bem assim, o que vejo realmente é uma sobrecarga na mãe/esposa em tarefas domésticas. Talvez desisti de casar por ver o quanto é difícil conciliar casamento, maternidade e realização profissional.

(Entrevistada 5)

Na mesma perspectiva, a entrevistada 6 afirma não pensar essa relação sendo possível, e enfatiza o fator tempo como empecilho, pois conciliar estudos, filhos e filhas, marido e trabalho, como já deixou evidente em falas anteriores, não é mais uma prioridade para ela.

Nesse momento não penso muito nessa relação, sendo possível, até porque meu tempo está muito corrido, com estudo, trabalho, eu acho que não conseguiria conciliar nesse momento, e acho que justamente por isso, que eu não penso, não consigo pensar de maneira nenhuma, dando certo isso, acho que porque eu não quero, não penso, e pelo fato de eu não pensar, acho que não dá certo.

(Entrevistada 6)

Analisando as falas mencionadas é notório observar que existe entre as entrevistadas aquelas que mencionam ser possível conciliar carreira profissional, maternidade e casamento, e aquelas que afirmam que essa relação significa renúncia, sobrecarga, opção. Esses fatos corroboram a ideia da difícil escolha para as mulheres na conciliação dos papéis, tendo em vista que muitas vezes a carreira profissional substitui a maternidade e o casamento, ou vice versa, e isso significa colocar um no lugar do outro. Então, por que para muitas mulheres é preciso fazer tal escolha? Por que muitas vezes não é possível haver uma conciliação entre essa relação?

As transformações que ocorreram liberaram as mulheres para o mercado de trabalho, mas não deram as condições para que elas fizessem isso sem prejuízo em outras áreas? Os homens têm as mesmas questões? A paternidade e o casamento interferem nos projetos profissionais dos homens da mesma forma que das mulheres? O formato do mercado de trabalho (o que se exige da trabalhadora no capitalismo) junto com os padrões de gênero não são o que impedem a conciliação? Rago diz que:

A construção de um modelo de mulher simbolizado pela mãe devota e inteira sacrifício implicou sua completa desvalorização profissional, política e intelectual. Esta desvalorização é imensa porque do pressuposto de que a mulher em si não é nada, de que deve esquecer-

se deliberadamente de si mesma e realizar-se através dos êxitos dos filhos e do marido.¹¹⁵

De fato, as mulheres sempre foram confinadas aos espaços privados, ao cuidado, e a defesa da família conjugal ancorada no princípio de que o pai é o provedor. Por isso, o trabalho para as mulheres não era/é socialmente aceito, pois foi instituído no tecido social a ideia de incompatibilidade do trabalho fora de casa com as funções da maternidade e o modelo desejável de mulher casada. Assim, foram criados empecilhos à conciliação entre casamento/maternidade e uma carreira profissional.

Romper com esses estigmas é um desafio para as mulheres. Perceber que se pode ter uma vida profissional vinculada aos papéis de mãe e esposa é possível, assim como, também, não contribuir com o processo de apropriação das mulheres pelos homens e pela sexualidade reprodutiva.

¹¹⁵ RAGO, 2014, p. 91.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante um período considerável de tempo, as mulheres estiveram restritas ao espaço doméstico, tendo seu direito de interagir nos espaços políticos e nas questões sociais cerceados. Esse aspecto se deveu, principalmente, ao lugar de cuidadora ocupado pelas mulheres na sociedade. Essa atribuição feminina contribuiu e contribui para uma separação fundamental entre os sexos na esfera pública e privada, e entre as "escolhas" de trabalho remunerado e trabalho não remunerado. Nessa dicotomia de espaços e funções sociais foram destinados aos homens os espaços públicos e as atividades produtivas remuneradas e, às mulheres, os espaços privados e as funções reprodutivas.

Partindo da hipótese inicial esse estudo evidenciou que após conquistas sociais do movimento feminista como direito ao voto, divórcio, educação e trabalho as mulheres na sociedade contemporânea têm mais liberdade de fazer o que julgam certo para a sua vida. Muitas vezes, um casamento, filhos e filhas, não são conciliáveis para aquele momento que elas estão passando. No entanto, ainda há muita pressão da sociedade, pois, os trinta anos parecem ser a data-limite que muitas mulheres estabelecem para ter: marido, casa e pelo menos o/a primeiro/a filho/a. Porém, ao chegarem nessa idade, identificam que não fecharam o ciclo para atender principalmente às expectativas e pressões externas e internas, e percebem que ao longo da vida seus valores foram moldados por valores culturais tradicionais e então passam a se dedicar integralmente à sua vida, postergando questões como casamento e filhos e filhas.

Para tanto é preciso se questionar o porquê se torna difícil a relação entre carreira profissional, casamento e maternidade para as mulheres. Não foi possível identificar nas falas das entrevistadas essa possível conciliação. Em alguns relatos foi evidenciado que para que essa relação ocorra, seria necessária uma espécie de "ajuda" da família. É possível compreender que a exigência existente para as trabalhadoras no formato do mercado de trabalho do modo de produção capitalista, juntamente com os padrões de gênero, impedem tal conciliação.

Portanto, se faz necessário uma reconfiguração do significado desses papéis para que não seja uma possibilidade de escolha entre um em detrimento

do outro. Debater sobre essa temática é imprescindível em todos os espaços para que as mulheres compreendam que podem sim, trabalhar, ser esposa e mãe, sem que elas carreguem o peso cruel da escolha e das responsabilidades unilaterais estabelecidas socialmente a elas, como também, se faz necessário uma mudança nas condições de trabalho capitalista, desvendando os processos sociais, econômicos e políticos que estão por trás desse processo.

Dessa forma foi verificado que as mulheres em estudo de forma geral são consideradas mulheres que conseguiram romper com um estigma social predestinado às mulheres na sociedade. Todas as entrevistadas possuem um nível de instrução educacional elevado e que suas mães possuem um maior nível de instrução que seus pais. Esse pode ser um fator considerável que exerceu influência sobre novas possibilidades de vida para além de uma vida matrimonial e maternal. Portanto, a educação seria um fator que exerceria algum tipo de contribuição decisiva?

O processo de subjetivação é perceptível nas falas apresentadas, pois as mulheres mostraram-se inseridas em um processo de construção de si mesmas como sujeitos de suas próprias vidas e vontades, transbordando e excedendo as normas sociais impostas às mulheres.

As mulheres em estudo conseguem desvincular a visão romântica existente em torno do casamento, elucidando novas formas de perceber o casamento. A religiosidade é um fator que se faz presente em algumas falas exercendo influências, principalmente em torno da maternidade.

Porém se torna necessário a desconstrução da maternidade como um dom, tampouco um dom atribuído às mulheres de maneira universal. É preciso desconstruir a ideia de que as mulheres só se realizarão com o advento da maternidade, e entender que, em alguns casos, suas personalidades e aspirações de vida não estão voltadas para um suposto “instinto materno”.

Das discussões apresentadas, extraem-se alguns questionamentos que podem ser subsídios para pesquisas futuras e contribuir, em alguma medida, para a superação de uma sociedade sexista, machista e androcêntrica para uma sociedade com justiça de gênero, igualdade social e acesso às oportunidades.

REFERÊNCIAS

- ALDANA, Claudia. Tradução de Ariel Moris. *31 profissão solteira*. São Paulo: Primavera Editorial, 2008.
- ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros passos; 20).
- ANJOS, Beatriz Anna; ARRAES, Jarid. A solidão tem cor. *Revista Fórum Semanal*. N. 203. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/semanal/a-solidao-tem-cor/> Acesso em 13 de setembro de 2017.
- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985. Trad. Waltensir Dutra.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BEAUVOIR, de Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*; Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. (vol. 1).
- BEAUVOIR, de Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*; Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. (vol. 2).
- BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. 42. ed. São Paulo: Ave Maria, 2002. Marcos 10:9.
- BOURDIEU, Pierre. Tradução de Maria Helena Kühner. *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica*. 3. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.
- BRUSCHINI, Cristina. Trabalho da mulher no Brasil: tendências recentes. In: SAFFIOTI, Heleieth, I. B., MUÑOZ-VARGAS, Mônica. (orgs.). *Mulher brasileira é assim*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos: Nipas. Brasília: UNICEF, 1994.
- BUENDÍA, Josefa. Gênero e religião: dimensão política da transgressão. In: ROSADO, Maria José. (org.). *Gênero, feminismo e religião: sobre um campo em construção*. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.
- BUTLER, Judith P. Tradução de Renato Aguiar. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 8. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARNEIRO, Terezinha Féres. Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos conjugais da atualidade. *Psicologia Reflexão e Crítica*. Porto Alegre. vol.1, n.2, 1998.

CHABAUD-RYCHTER, Danielle. Et al. Tradução de Lineimar Pereira Martins. *O gênero nas Ciências Sociais: releituras críticas de Max Weber a Bruno Latour*. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

CISNE, Mirla. *Gênero, divisão sexual do trabalho e Serviço Social*. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

_____. *Feminismo e consciência de classe no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2014.

CORRÊA, Sonia; PETCHESKY, Rosalind. *Direitos sexuais e reprodutivos: uma perspectiva feminista*. *Physis*, v.6, n. 1-2, 1996.

COSTA, Gleyce P. *O amor e seus labirintos*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

DEL PRIORE, Mary Del. Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. São Paulo: UNESP, 2009, p. 16.

EGGERT, Edla. doÉSTICO: espaços e tempos para as mulheres reconhecerem seus corpos e textos. STROHER, Marga J. DEIFELT, Wanda. MUSSKOPF, André S. (Orgs.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

EGGERT, Edla. SILVA, Márcia Alves da. O 'dentro' e o 'fora' do trabalho feminino: entre os papéis de mãe, esposa e trabalhadora. *Educação Unisinos*, São Leopoldo, n. 01, v. 14, jan.-abril, 2010.

ESCOBAR, Carlos Henrique. *Ciência da história e ideologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1978.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: PRIORE, Mary.(Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*. Vol.1: A vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 13.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Tradução Roberto Machado 3.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FREIRE, Paulo: *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GATTI, Bernardete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GEBARA, Ivone. *Mulheres, religião e poder: ensaios feministas*. São Paulo: Edições Terceira Via. 2017.

_____. *Filosofia feminista: uma brevíssima introdução*. São Paulo: Edições Terceira Via. 2017.

_____. *Ecofeminismo: desafios para repensar a teologia*. São Paulo: Edições Terceira Via. 2017.

GOLDMAN, Wendy. Tradução de Natália Angyalossy Alfonso. *Mulher, Estado e revolução: política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936*. São Paulo: Boitempo, 2014.

GONÇALVES, Eliane. *Vidas no singular: noções sobre “mulheres só” no Brasil contemporâneo*. 2007. 275 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2007.

GONZÁLEZ, Ana Isabel Álvarez. Tradução de Alessandra Caregati. *As origens e a comemoração do dia internacional das mulheres*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

HOFMANN, Heidi. *A Bioética na discussão feminista internacional*. Tradução Monika Ottermann. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2008.

HUNT, Mary E. *Sexo bom, sexo justo: catolicismo feminista e direitos humanos*. São Paulo: CDD, 2001.

JOAQUIM, Teresa. Criação de Humanos e/ou de conceitos a questão da maternidade n'Ó Segundo Sexo. *Cadernos Pagu*, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero, n. 12, 1999.

JUNQUEIRA, Telma Low Silva; MELO, Danielly Spósito Pessoa de. *Feministas advertem: o mito do amor romântico faz mal à saúde! Sentidos produzidos por adolescentes acerca da interface Entre amor romântico, violência contra as mulheres e saúde*. Universidade Federal Rural de Pernambuco. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/666/675>. Acesso em: 02 de out. de 2017.

KOLONTAI, Alexandra. *A nova mulher e a moral sexual*. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

LAGARDE, Marcela. *Los cautiveros de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. 4. ed., México: UNAM, 2005.

LARA, de Bruna, et al. #Meu amigo secreto: feminismo além das redes. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.

MACHADO, Lia Zanotta. Gênero: um novo paradigma? *Cadernos Pagu*, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero, n. 11, 1998.

MAIA, Cláudia de Jesus. A invenção da solteirona: conjugalidades moderna e terror moral – Minas Gerais (1890-1948). 2007. 319f. Dissertação (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília.

MESTRE, Natalia. Os filhos cangurus. Isto é. São Paulo. N. 2296. 2013. Disponível em: http://istoe.com.br/334805_OS+FILHOS+CANGURUS/ Acesso em: 16 de setembro de 2017.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Feminismo e Política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014.

MINAYO, M. C. (org.) *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

MIOTO, Regina Célia Tamasso; CAMPOS, Marta Silva; CARLOTO, Cássia Maria. (orgs). *Familismo, direitos e cidadania: contradições da política social*. São Paulo: Cortez, 2015.

MUSSKOPF, André Sidnei. *Via(da)gens teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

_____. *Uma brecha no armário: propostas para uma teologia gay*. São Leopoldo: CEBI, Fonte Editorial, 2015.

_____. *Teologia feminista e de gênero na Faculdades EST: a construção de uma área do conhecimento*. São Leopoldo: CEBI, 2014.

_____. *Talar rosa: homossexuais e o ministério na igreja*. São Leopoldo: Oikos, 2005.

MUSSKOPF, André Sidnei; BLASI, Marcia. (org.). *Ainda feminismo e gênero: histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia*. São Leopoldo: CEBI, 2014.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Mulher Negra: afetividade e solidão*. Salvador: EDUFBA, 2013.

Papa João Paulo Segundo. *Catecismo da Igreja Católica Apostólica e Romana*, cap. 8, n.3.

PASTORE, José. A mulher e o mercado de trabalho. *O estado de São de Paulo*, São Paulo. 06 de mar., 2007. Disponível em: http://www.josepastore.com.br/artigos/mu/mu_002.htm. Acesso em: 10 de outubro de 2017.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: PRIORE, Mary.(Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

Portal Brasil. *Mulheres ganham espaço no mercado de trabalho*. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2017/03/mulheres-ganham-espaco-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 15 de setembro de 2017.

QUEIROZ, Nana. (org.). *Você já é feminista!* Abra este livro e descubra o porquê. São Paulo: Polém, 2016.

RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero, n. 11, 1998.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

RAGO, Margareth. Trabalho Feminino e sexualidade. In: DEL PRIORI, Mary. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

REBLIN, Iuri Andréas. *Outros cheiros, outros sabores... o pensamento teológico de Rubem Alves*. São Leopoldo: Oikos, 2009

ROSADO, Maria José. (org.). *Gênero, feminismo e religião: sobre um campo em constituição*. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

_____. *Gênero, patriarcado, violência*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

_____. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. 3. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A. de O., BRUSCHINI, C. (orgs.) *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. *Cadernos Pagu*, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero, n. 16, 2001.

SCHPUN, Mônica Raisal (org.). *Masculinidades*. São Paulo: BoiTempo Editorial, 2004.

SCOTT, Joan W. Preface a gender and politics of history. *Cadernos Pagu*, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero, n. 03, 1994.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil para análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Texto original: Joan Scott - Gender: a useful category of historical analyses. *Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press. 1989.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Raquel Marques da. Evolução Histórica da Mulher na Legislação Civil. Disponível em: <http://ditizio.ecn.br/adv/txt/ehlc.pdf>. Acesso em 30 de abril de 2017.

SILVEIRA, Maria Lúcia; GODINHO, Tatau. (orgs.). *Educar para a igualdade: gênero e educação escolar*. São Paulo, coordenadora especial da mulher. Secretaria Municipal de Educação, 2004.

SIMÕES, Fatima Itsue Watanabe; HASHIMOTO Francisco. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. *Revista Vozes dos Vales da UFVJ*, Minas Gerais, n. 2, 2012. p. 8. Disponível em: http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Mulher-mercado-de-trabalho-e-as-configura%C3%A7%C3%B5es-familiares-do-s%C3%A9culo-XX_fatima.pdf. Acesso em 10 de outubro de 2017.

SOIHET, Rachel. Título. In: PRIORE, Mary.(Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

SOUZA, Babi. *Vamos juntas? O guia da sororidade para todas*. Rio de Janeiro: Galera Record, 2016.

SOUZA, Regis Glauciane Santos de; SARDENBERG, Cecília Maria B. Visibilizando a mulher no espaço público: a presença das Mulheres nas universidades. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. Disponível em: http://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/46155/mod_resource/content/2/mulher%20espa%C3%A7o%20p%C3%BAblico.pdf. Acesso em: 15 de setembro de 2017.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres*; Tradução de Andreia Reis do Carmo. São Paulo: Edipro. 2015.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos Pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

VAINFAS, Ronaldo. (org.). *História da sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

VIÇOSO, Laiza de Castro. Casamento e união estável: diferenças e características comuns. Disponível em: http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=14104. Acesso em: 29 de novembro de 2017.

ZAMBONI, Marcio. Marcadores Sociais. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/315588314/ZAMBONI-MarcadoresSociais> Acesso em 13 de setembro de 2017.